

# la fundación

Revista da Fundación MAPFRE #56  
Setembro 2021  
[www.fundacionmapfre.org](http://www.fundacionmapfre.org)



Arte

**MORANDI. RESSONÂNCIA INFINITA**

*Judith Joy Ross. O retrato da alma*

**PAOLO GASPARINI**

*KBr Flama 21*

Cuide-se

**A BATALHA  
DA CARNE**

Comprometidos

**UM FUTURO  
MAIS HUMANO**

Morandi

# VISITA NUESTRAS EXPOSICIONES VISIT OUR EXHIBITIONS

[www.fundacionmapfre.org](http://www.fundacionmapfre.org)  
Fundación **MAPFRE**

Giorgio Morandi  
*Natura Morta* [Naturaleza muerta], 1941  
Istituzione Bologna Musei | Museo Morandi  
© Giorgio Morandi, VEGAP, Madrid, 2021

## MORANDI. RESONANCIA INFINITA

**Lugar**  
Sala Fundación MAPFRE Recoletos  
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

**Fechas**  
Del 24/09/2021 al 09/01/2022

**Horario de visitas**  
Lunes de 14:00 a 20:00 h.  
Martes a sábado de 11:00 a 20:00 h.  
Domingos y festivos de 11:00 a 19:00 h.  
Acceso gratuito los lunes



## MORANDI. INFINITE RESONANCE

**Location**  
Fundación MAPFRE Recoletos Exhibition Hall  
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

**Dates**  
From 24/09/2021 to 09/01/2022

**Visiting hours**  
Monday from 2 pm to 8 pm.  
Tuesday to Saturday from 11 am to 8 pm.  
Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.  
Free entry on Mondays

Judith Joy Ross  
*Sin título, Eurana Park, Weatherly, Pensilvania*, 1982  
© Judith Joy Ross, courtesy Galerie Thomas Zander, Cologne

## JUDITH JOY ROSS

**Lugar**  
Sala Fundación MAPFRE Recoletos  
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

**Fechas**  
Del 24/09/2021 al 09/01/2022

**Horario de visitas**  
Lunes de 14:00 a 20:00 h. Martes a sábado de 11:00 a 20:00 h. Domingos y festivos de 11:00 a 19:00 h.  
Acceso gratuito los lunes



## JUDITH JOY ROSS

**Location**  
Fundación MAPFRE Recoletos Exhibition Hall  
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

**Dates**  
From 24/09/2021 to 09/01/2022

**Visiting hours**  
Monday from 2 pm to 8 pm. Tuesday to Saturday from 11 am to 8 pm. Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.  
Free entry on Mondays

Gunnlöð Jóna Rúnarsdóttir  
*Serie Obscure Presence*, 2018-2020  
© Gunnlöð Jóna Rúnarsdóttir

## KBR FLAMA 21

**Lugar**  
KBr Fundación MAPFRE  
Ronda del Litoral 30, 08005 Barcelona

**Fechas**  
Del 30/09/2021 al 16/01/2022

**Horario de visitas**  
Lunes cerrado  
Martes a domingo (y festivos) de 11:00 a 19:00 h.



## KBR FLAMA 21

**Location**  
KBr Fundación MAPFRE  
Ronda del Litoral 30, 08005 Barcelona

**Dates**  
From 30/09/2021 to 16/01/2022

**Visiting hours**  
Monday: closed  
Tuesday to Sunday (and holidays) from 11 am to 7 pm.

Paolo Gasparini  
*Campaña electoral*, avenida Urdaneta, Caracas, 1968  
Colecciones Fundación MAPFRE  
© Paolo Gasparini

## PAOLO GASPARINI

**Lugar**  
KBr Fundación MAPFRE  
Ronda del Litoral 30, 08005 Barcelona

**Fechas**  
Del 30/09/2021 al 16/01/2022

**Horario de visitas**  
Lunes cerrado  
Martes a domingo (y festivos) de 11:00 a 19:00 h.



## PAOLO GASPARINI

**Location**  
KBr Fundación MAPFRE  
Ronda del Litoral 30, 08005 Barcelona

**Dates**  
From 30/09/2021 to 16/01/2022

**Visiting hours**  
Monday: closed  
Tuesday to Sunday (and holidays) from 11 am to 7 pm.



**EVITA COLAS COMPRANDO  
ONLINE TUS ENTRADAS**

**BEAT THE QUEUE,  
BUY YOUR TICKETS ONLINE**



**¡RESERVA TUS ENTRADAS!!  
BOOK YOUR TICKETS!!**

[www.entradas.fundacionmapfre.org](http://www.entradas.fundacionmapfre.org)



## Nossa solidariedade com a ilha de La Palma

26.000 máscaras PFF2 e PFF3, 2.000 óculos de proteção e 30.000 flaconetes de dose única de colírios fazem parte do primeiro pacote de medidas de emergência, no valor de 65.000 euros, que a Fundación MAPFRE Guanarteme ativou para sua distribuição entre a população e órgãos de segurança e emergência. O objetivo é proteger os cidadãos contra a inalação e a

exposição cutânea e ocular às cinzas e gases tóxicos das emissões vulcânicas causadas pela erupção do vulcão Cumbre Vieja na ilha de La Palma (Canárias, Espanha).

Trata-se da primeira ação de um plano de ajuda destinado a contribuir para a recuperação pessoal, social e econômica das pessoas mais afetadas por esta catástrofe natural. ✕

# sumário

IGNACIO HERNANDO  
DE LARRAMENDI



GIORGIO MORANDI. O «OFÍCIO DE PINTAR»



*Natura morta* [Natureza morta], 1928  
Óleo sobre tela, 34,5 × 46,5 cm  
Collezione Augusto e Francesca Giovanardi, Milão  
Photo © Alvise Aspesi

UM FUTURO MAIS HUMANO



EM PRIMEIRA PESSOA

## 6 IGNACIO HERNANDO DE LARRAMENDI

No centenário de seu nascimento nos aproximamos da figura deste empresário e grande humanista.

ARTE



## 12 KBR FLAMA. NOVOS ARTISTAS EMERGENTES

Descubra-os no Centro de Fotografia KBr Fundación MAPFRE em Barcelona de 30 de setembro de 2021 a 16 de janeiro de 2022.



## 18 PAOLO GASPARINI. CAMPO DE IMAGENS

De 30 de setembro de 2021 a 16 de janeiro de 2022 no Centro de Fotografia KBr Fundación MAPFRE em Barcelona.



## 26 JUDITH JOY ROSS. O RETRATO DA ALMA

De 24 de setembro de 2021 a 9 de janeiro de 2022, na Sala Recoletos, em Madrid.



## 32 GIORGIO MORANDI. O «OFÍCIO DE PINTAR»

A exposição sobre o grande mestre italiano pode ser visitada de 24 de setembro de 2021 a 9 de janeiro de 2022 em nossa Sala Recoletos em Madrid.



COMPROMETIDOS

## 38 UM FUTURO MAIS HUMANO

Te contamos os segredos de uma campanha publicitária que visa fazer com que nunca nos esqueçamos que não há nada maior que ajudar os outros.

## 42 PROFSSIONAIS E MAIS

Conversamos com Hugo Martínez Gutiérrez, Chefe de Grupo do Corpo de Bombeiros de San Blas, Madrid, e presidente da ONG Bomberos Ayudan.

### CUIDE-SE

# 44

## A BATALHA DA CARNE: UMA GUERRA DE NUANCES

O consumo de carne é hoje o protagonista do debate alimentar.

### SEGURANÇA VIÁRIA

# 48

## DO INFINITO AO ZERO. ASSIM O FIZEMOS.

Nesta publicação revemos os últimos 25 anos de segurança viária na Espanha contados por seus protagonistas.

# 52

## 25 ANOS SALVANDO VIDAS

Comemoramos os 25 anos de existência do Instituto MAPFRE de Segurança Viária, hoje Área de Prevenção e Segurança Viária de Fundación MAPFRE.

## 58 CULTURA DE SEGUROS

## EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA UMA SOCIEDADE MAIS PREPARADA

### AGEINGNOMICS

# 62

## COMO EMPREENDER DEPOIS DOS 50

Um guia imprescindível para quem deseja empreender depois dos 50 anos de idade.

## 66 VISTO NA REDE



## A BATALHA DA CARNE: UMA GUERRA DE NUANCES



## 25 ANOS SALVANDO VIDAS



## COMO EMPREENDER DEPOIS DOS 50





# O arquiteto do seguro moderno

TEXTO: RAMÓN OLIVER IMAGENS: FUNDACIÓN LARRAMENDI, MAPFRE

É o centenário do nascimento de Ignacio Hernando de Larramendi, o homem que com sua visão inovadora e um humanismo inabalável revolucionou o mundo segurador e lançou as bases da atual MAPFRE. Grande humanista, Larramendi estava à frente de seu tempo, introduzindo elementos inovadores ao setor, como a informatização do trabalho, a medição do desempenho e a figura do defensor do segurado. Motivados pela celebração de seu centenário, valorizamos a dimensão cultural, empresarial e histórica do legado deste grande humanista e promotor da cultura.

Em 1955, um jovem inspetor de seguros abandonou a Administração Pública para embarcar numa aventura empresarial que muitos (dizem que seus próprios colegas da Direção-geral de Seguros lhe deram os pêsames ao ouvir a notícia) consideraram insana: resgatar uma pequena empresa à beira da insolvência. Mas Ignacio Hernando de Larramendi (Madrid, 1921-Madrid, 2001), então com 34 anos, não era do tipo que se esquivava do impossível. Hoje esta pequena empresa é a multinacional espanhola líder no setor, está presente em mais de 40 países, com 12.500 escritórios, 34.000 funcionários, uma rede de colaboração de 86.000 agentes e suas ações estão listadas no IBEX-35 e no Dow Jones.

Mas, acima de todos esses números, a MAPFRE é uma seguradora que entendeu que sua missão no mundo não é apenas oferecer soluções de proteção e seguro, mas que, além desse objetivo, sua razão de ser é contribuir para fazer deste mundo um lugar melhor. E esse legado, essa forma de pensar e agir que a empresa leva em seu DNA, se deve em grande parte a Ignacio Larramendi.

## Uma MAPFRE moderna e operacional

Larramendi ocupou as responsabilidades máximas da MAPFRE durante 35 anos, até sua aposentadoria em

1990. Tempo durante o qual transformou completamente a empresa desde suas fundações, levando-a a um modelo muito mais moderno e evoluído, inspirado em suas visitas ao Reino Unido e com algumas ideias importadas e adaptadas da icônica Lloyd Company. Incluído na lista dos 100 grandes empresários espanhóis do século XX, seu instinto empreendedor, sua audácia e sua capacidade de gerenciar equipes e lidar com pessoas o levaram a ser considerado o grande arquiteto do seguro moderno na Espanha.

Sob sua batuta, a MAPFRE empreendeu uma profunda reorganização interna que teve que começar retirando a empresa da iminente falência. No ano anterior à sua entrada na companhia (foi contratado pelo histórico presidente da entidade, Dionisio Martín Sanz, também nomeado para o cargo nesse mesmo ano), a Mutualidad de la Agrupación de Propietarios de Fincas Rústicas de España, como a MAPFRE era conhecida na época, apresentava perdas de entre 2 e 3,5 milhões de pesetas. Sistemas antiquados e ineficazes e uma aposta errônea nos seguros públicos de saúde, muito deficitários devido aos baixos salários e à alta mortalidade dos trabalhadores agrícolas, levaram a empresa a uma situação mais do que comprometida.



### Primeiros anos

Reduzir a dívida tornou-se sua primeira prioridade. Para isso, passou por uma etapa de duros reajustes, com demissões e cortes de gastos, inclusive de seu próprio salário, que reduziu em 40%. Assim começou um tipo de liderança pelo exemplo que se tornou um de seus grandes diferenciais ao longo de sua carreira.

Depois de muitas adversidades e «dribles» extremos com a suspensão de pagamentos, a situação financeira da empresa se estabilizou e chegou a uma nova fase de recuperação e reativação do negócio. Larramendi iniciou então um processo de otimização de processos com o qual buscava reduzir as ineficiências e aumentar a qualidade. Entre as medidas mais proeminentes desses primeiros anos está o redesenho de um portfólio diversificado de produtos para priorizar os seguros mais lucrativos. Um caminho que mais tarde levaria a MAPFRE a se firmar em setores nos quais carecia de experiência, como o de Automóvel, e a modernizar outros até torná-los lucrativos, como o setor de Vida. Posteriormente, Larramendi introduziu novidades muito marcantes, focadas no cliente, como um conceito de seguro-serviço que transcendia a mera indenização financeira em caso de sinistro ou a figura do defensor do segurado.

### Expansão nacional e internacional

Também neste período iniciou-se um processo progressivo de descentralização («a decisão de um medíocre próximo de um fato

## Sob sua direção, a MAPFRE iniciou uma trajetória de descentralização, modernização e expansão internacional que lhe permitiu crescer e se tornar a líder do setor de seguros na Espanha

pode ser mais certa do que a de um inteligente a 500 quilômetros de distância», como ele costumava dizer) da empresa apoiado pelas diretorias regionais e uma extensa rede territorial de filiais com equipes próprias e gestores dotados de grande autonomia. Para isso, Larramendi refugiou-se na tradição rural da empresa, abrindo escritórios em pequenas localidades que não chamavam a atenção dos concorrentes e, a partir daí, deu início a expansão às grandes cidades. Uma estratégia que ele imitou da rede de supermercados norte-americanos Wal-Mart.

Uma política até então sem precedentes de aquisições imobiliárias foi outra das contribuições deste visionário. Assim que a situação econômica da companhia o permitiu, a MAPFRE iniciou uma série de

compras de imóveis para montar seus escritórios. Desta forma, as vendas diretas foram fortemente dinamizadas e o atendimento ao cliente também melhorou, elementos que tiveram um efeito imediato no crescimento da empresa.

A internacionalização, que começou a se desenvolver com força em meados da década de 1980, coincidindo com a conquista da liderança do Grupo em seu setor, foi outra das grandes apostas do empresário. Larramendi estava convencido de que, se quisesse continuar crescendo, a MAPFRE teria de cruzar as fronteiras da Espanha, já que esse desenvolvimento se baseava na otimização de processos e no aproveitamento de economias de escala. Ir para o exterior era, no entanto, um movimento arriscado, desnecessário na opinião de muitos de seus colaboradores próximos, mas ele achava que certo risco é inerente a qualquer empreendimento comercial.

### Inovação como bandeira

Outra forma à qual recorreu para reduzir custos e crescer foi aumentar a eficiência por meio de uma rígida padronização de processos e medição de resultados, para os quais utilizou todos os tipos de indicadores. A tecnificação para aumentar a qualidade do serviço e a rentabilidade foi outra constante durante sua direção. Curioso incorrigível, Larramendi era apaixonado por tecnologia e não hesitava em incorporar às





operações da empresa todas as inovações técnicas disponíveis no mercado, desde que acreditasse que estas poderiam melhorar seus processos.

#### **A cidade dos meninos**

Uma das grandes características desse diretor icônico foi sua capacidade de liderar equipes e lidar com pessoas. Carismático e grande motivador, ele acreditava firmemente no talento e na responsabilidade pessoal. Ele revolucionou os sistemas de recrutamento e seleção da entidade ao incorporar um grande número de jovens universitários sem experiência, mas com grande potencial, aos quais quase que imediatamente confiou responsabilidades. Uma estratégia

muito nova na época e que rendeu piadas de seus concorrentes, que rebatizaram essa MAPFRE rejuvenescida como a «cidade dos meninos».

Mas a política de Larramendi não foi tão equivocada assim («cada mensageiro tem em sua mochila um bastão de marechal», era outra de suas frases favoritas), já que muitos desses jovens imberbes são hoje altos executivos da MAPFRE e de outras grandes empresas. Larramendi jogou seus jovens colaboradores no ringue, sim. Mas antes disso, os capacitou com uma sólida política de formação contínua que lhes permitiu enfrentar qualquer desafio, além de uma confiança ilimitada que lhes motivava a sair do ataque com louvor para se atrever e

ousar cometer erros. Grande comunicador, exerceu enorme influência sobre seus colaboradores e modernizou a gestão de pessoas da MAPFRE com medidas que priorizavam a meritocracia e a promoção interna e que acabaram com vícios ancestrais do setor como o nepotismo.

#### **Precursor da RSC**

Dotado de um profundo sentido de serviço público, Larramendi rejeitava um capitalismo baseado exclusivamente no lucro puro, convencido de que toda instituição que administra um grande patrimônio tem a obrigação de devolver parte dele à sociedade e, principalmente, aos seus clientes. Desta forma, e somente desta forma, a empresa pode cumprir

uma missão social contribuindo para o bem comum e para os interesses gerais da Espanha.

Ele soube transferir essas premissas para sua organização por meio de múltiplas atividades de mecenato e ação social. Com ele, cultura, história, pesquisa médica e uma infinidade de atividades alheias ao puro negócio dos seguros passaram a fazer parte da essência da MAPFRE. Para desenvolver esta intensa atividade, criou ao longo do tempo uma série de Fundações, duas das mais emblemáticas foram a Fundación MAPFRE (1975) e a Fundación Ignacio Larramendi (1986), à qual se dedicou de corpo e alma depois de se aposentar em 1990.

#### Dimensão cultural e histórica

Nessa faceta humanística e de mecenato é possivelmente onde mais desfrutava de sua atividade. Americanista convicto, Larramendi professou um amor reverente pelo continente americano, a cujas relações fraternas com a Espanha dedicou grande parte de sua obra desde as Fundações. Nela se destacam as «Coleções MAPFRE 1942» (alojadas nas Bibliotecas virtuais de Polígrafos), a série de 245 volumes elaborada por especialistas de renome que se dedicaram a analisar em profundidade e sob todos os ângulos o que supôs a descoberta do novo mundo. Desde sua dimensão fundacional, Larramendi também apoiou de forma decisiva a pesquisa médica por meio de iniciativas como a criação das Bolsas e Ajudas à Pesquisa Ignacio de Larramendi, que são outorgadas

## Decálogo de Larramendi para o sucesso

**1.**

É essencial ser ético para ser lucrativo.

**2.**

Deve-se ser austero nos gastos.

**3.**

Deve-se sempre dizer a verdade.

**4.**

Não se deve trapacear na economia nem com o Ministério da Fazenda.

**5.**

Deve-se ser sério no trabalho.

**6.**

Deve-se manter a equidade nas decisões.

**7.**

Deve-se manter grande transparência com os funcionários e clientes.

**8.**

Deve-se ser muito objetivo na hora de julgar e avaliar uma situação.

**9.**

Sempre se deve dar a cara a tapa diante das dificuldades, é preciso ser empresarialmente valente.

**10.**

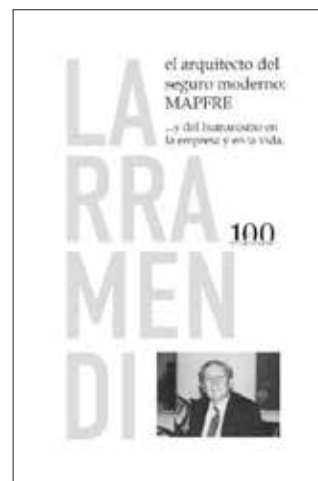
Deve-se ter um grande respeito, especialmente pela força de trabalho.

anualmente pela Fundación MAPFRE, sendo hoje uma referência internacional em seu campo.

#### 100 anos desde seu nascimento

Carlista, católico, advogado, escritor, editor e amante da cultura, os que tiveram a sorte de colaborar com ele o descrevem como um humanista brilhante, humilde, empreendedor, tolerante, social, honesto, com grande senso ético e capacidade infinita para o trabalho. Uma figura essencial na história empresarial da Espanha, cuja influência transcendeu o âmbito da MAPFRE, marcando até hoje a história de todo o setor.

Para comemorar os 100 anos do nascimento deste empresário e pessoa excepcional, ao longo deste ano de 2021, vários eventos foram e serão realizados em torno de sua figura e seus projetos, relacionados à recuperação e divulgação da nossa história. ✖



Parte da documentação deste artigo foi extraída do livro *Larramendi. O arquiteto do seguro moderno: MAPFRE... e do humanismo nos negócios e na vida*, uma obra dirigida por Javier Morillas.

Uma figura essencial na história empresarial da Espanha, cuja influência transcendeu o âmbito da MAPFRE, marcando até hoje a história de todo o setor



***Luis Hernando de Larramendi, atual presidente da Fundação Ignacio Larramendi, é o principal responsável por manter o espírito que move os valores desta instituição.***

**«O principal legado do meu pai é o desejo de trabalhar para o bem comum»**

**O que você absorveu do legado de seu pai?**

A aspiração inalienável de fazer as coisas não por simples egoísmo, mas pelo bem comum. Ele queria passar a vida fazendo coisas que reverteriam em benefício da sociedade no futuro e que permanecessem em pé quando ele partisse.

**Ele foi o grande arquiteto do seguro moderno na Espanha, quais foram suas principais contribuições para o setor?**

Na década de 1950, o seguro na Espanha era um mundo muito estruturado e organizado em torno do *status quo* das seguradoras, não do segurado, a tal ponto que muitas vezes parecia que ia contra os interesses do cliente. Meu pai rompeu com tudo isso. Ele concebe o seguro como um serviço público cujo verdadeiro sentido é servir a quem o contrata, com o menor custo possível, prestando assim um serviço à sociedade.

**É possível dizer que ele foi um homem à frente de seu tempo?**

Com certeza. Ele tinha uma grande capacidade de ver para onde o futuro estava se movendo e antecipou muitos dos elementos que estão totalmente estabelecidos no mundo dos seguros hoje em dia. Por exemplo, nas décadas de 50 e 60 poucos impostos eram pagos, as empresas tinham caixa dois. Ele previu o que veio a ser a auditoria, a autorregulação, a transparência, a necessidade de contar com um forte apoio financeiro bancário. Também introduziu a figura do defensor do segurado 30 anos antes de sua criação.

**Como era seu estilo de liderança?**

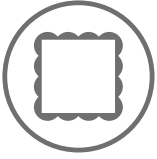
Ele não tinha medo de dizer que algo que sempre funcionou já não funcionava mais. Ele tomou decisões muito polêmicas e arriscadas, como o processo de descentralização da empresa,



ou essa capacidade de delegar, que era imprópria naquela época. Ele acreditava muito em dar a cada pessoa uma pequena parcela de responsabilidade, que cada funcionário respondesse a partir de sua própria demonstração de resultados e não fosse um simples número que executava ordens.

**O que o seguro espanhol deve à Ignacia Larramendi?**

O mundo segurador espanhol não poderia ter completado o processo de transformação que se seguiu sem a liderança da MAPFRE, e a MAPFRE não seria o que é hoje sem o esforço, a tenacidade, a inteligência e o senso de antecipação de meu pai. O que meu pai faria hoje? Impossível saber, mas o certo é que seria algo inovador.



Laura Gálvez-Rhein  
Série *Ex-Libris*, 2018-2019  
© Laura Gálvez-Rhein

# KBr Flama.

## Novas artistas emergentes

TEXTO: ÁREA DE CULTURA DA FUNDACIÓN MAPFRE  
IMAGENS: LAURA GÁLVEZ-RHEIN, BLANCA MUNT, GAEL DEL RÍO Y GUNNLÖÐ JÓNA RÚNARSDÓTTIR

De 30 de setembro de 2021 a 16 de janeiro de 2022 você poderá desfrutar da exposição *KBr Flama 21*, no Centro de Fotografia KBr Fundación MAPFRE (Barcelona). *KBr Flama 21* é um projeto que nasceu com o objetivo de apoiar a criação emergente e as novas gerações de fotógrafos que iniciam a sua carreira profissional depois de terem estudado em escolas de fotografia em Barcelona.

Nesta primeira edição, a Fundación MAPFRE colaborou com quatro instituições de Barcelona empenhadas com o ensino e com os estudos de fotografia: Grisart, Idep Barcelona, IEFC e Elisava, Faculdade de Desenho e Engenharia de Barcelona. Como resultado do interesse mútuo em oferecer um ambiente de visibilidade e oportunidade para artistas emergentes, surgiu a ideia de organizar uma exposição anual com os alunos das diferentes escolas.

**Laura Gálvez-Rhein** (Frankfurt am Main, 1998), **Blanca Munt** (Barcelona, 1997), **Gael del Río** (Barcelona, 1990) y **Gunnlöð Jóna Rúnarsdóttir** (Reikiavik, 1992) são os quatro fotógrafas selecionadas para esta exposição inaugural. Os seus projetos foram escolhidos através de um processo de visualização de trabalhos por alunos das referidas escolas, realizadas pelos seguintes profissionais de fotografia: Marta Gili, Sergio Mah, Ramón Reverté e Arianna Rinaldo.

A exposição reúne quatro projetos que, de uma forma muito pessoal, nos levam a diferentes realidades baseadas na memória do passado ou em aspetos relacionados com a identidade coletiva.

No primeiro caso, Gael del Río e Laura Gálvez-Rhein encontram em figuras de família (pai e avô, respectivamente) uma razão para desvendar as suas histórias pessoais. Gael del Río apresenta o seu processo de luto pela ausência do pai através de uma combinação subtil e subjetiva entre as gravuras do pai

e as suas próprias fotografias. Laura Gálvez-Rhein, no seu encontro com o trauma do seu avô Wolfgang, liga ao seu trabalho, num exercício de memória histórica, à memória das crianças de guerra alemãs (*Kriegskinder*) e à vida do seu parente.

No segundo caso, Gunnlöð Jóna Rúnarsdóttir e Blanca Munt olham para estas histórias coletivas que compõem uma realidade e identidades locais. A primeira mergulha na crença popular dos islandeses em fantasmas, duendes e *huldufólk* (pessoas escondidas), para compor um retrato sonhador, multifacetado e contemporâneo do seu país. Por seu lado, Munt dirige o seu olhar para a realidade quotidiana do seu bairro, com um interesse antropológico e não fotográfico e revela alguns dos mecanismos que identificam a sociedade contemporânea, marcados pelo controle e pelo medo.

**Laura Gálvez-Rhein** licenciou-se em fotografia no Institut d'Estudis Fotogràfics de Catalunya em 2019 e especializou-se em Criação e Reflexão Fotográfica no mesmo centro. Realizou também um curso de Documentário e Fotojornalismo na Universidade de Arte e Ciências Aplicadas Hannover (Hochschule Hannover).

Atualmente explora temas focados no autoconhecimento e na introdução de novas técnicas, para os quais se baseia na mutação da percepção e do material, interesses que deram origem aos projetos



Laura Gálvez-Rhein  
Série *Ex-Libris*, 2018-2019  
© Laura Gálvez-Rhein

*Parasomnia* (2017-2019) y *Metasomnia, those which were good failed too* (2019).

No campo do documentário, trabalha na questão social com uma abordagem antropológica, com especial interesse pela identidade e memórias individuais, coletivas e históricas. Sua abordagem emocional de tudo o que lida às vezes o afasta dos preceitos acadêmicos da reportagem e da fotografia documental. Vive a imagem como uma ferramenta para se expressar livremente, de formas infinitas e em combinações infinitas.

O trabalho que apresenta hoje, ***Ex-Libris***, é uma série documental sobre a biografia de Wolfgang F. O. Rhein (nascido em Berlim em 1937), avô da fotógrafa. Wolfgang mora em Steinbach (Taunus), perto de Frankfurt am Main. Teve uma infância e adolescência praticamente inexistentes e uma vida adulta focada no trabalho.

Depois de abandonar a sua formação como jesuíta, iniciou a sua carreira como professor alemão em vários destinos. Agora aposentado, continua a ensinar refugiados como voluntário.

*Ex-Libris* explora, através da *collage fotográfica*, a complexidade da memória, o esquecimento e o encontro com o trauma. Durante o processo criativo, a autora trabalhou com o arquivo familiar e com material do Bundesarchiv (Arquivo Nacional Alemão), e fez um relato do dia-a-dia de Wolfgang, que representa a geração dos *Kriegskinder* (filhos da guerra), silenciados pela cultura da memória alemã. Estas são parte das suas memórias, expressas por si mesmo:

«Eu era pobre. Morava numa cidade cuja cidade completamente destruída, numa rua perto da grande Avenida Stalin (Stalinallee). Tudo foi completamente destruído. Foi

muito triste. Não parámos muito em casa, jogámos nas ruínas. Tinha um lugar onde estudava um pouco, mas em casa não havia lugar. Não tenho muitas memórias desse tempo. Durante as férias fui trabalhar nos campos. Durante a guerra fomos enviados para a Polónia para viver com outras famílias com crianças. Sempre a minha mãe com os quatro filhos. O meu pai tinha um açougue, mas quando eu nasci, perdeu tudo. Depois já não importava, porque a guerra teria destruído de qualquer maneira. Logo trabalhou na ferrovia. Tinha que ir de trem até a Polónia para transportar as pessoas. Era muito difícil, estava sempre sozinho. Sempre tivemos o sonho de lhe comprar um carro, mas ele morreu muito jovem».

**Blanca Munt** (Barcelona, 1997) licenciou-se em Fotografia na Idep Barcelona em 2020. Considera que a melhor forma de transmitir a sua capacidade de

Como resultado do interesse mútuo em oferecer um ambiente de visibilidade e oportunidade para artistas emergentes, surgiu a ideia de organizar uma exposição anual com os alunos das diferentes escolas

criar e contar histórias é através da fusão de design, fotografia e vídeo. Ela interessa-se por temas como residência, arquitetura, periferia, paisagem, retrato e sociedade. A pesquisa sobre a cultura do medo e da paranóia levou a realizar o projeto *Alerta Mira-Sol* (2020), publicado como fotolivro na editora Dalpine, depois de ganhar o Prêmio Fiebre Photobook Dummy (2020). O seu projeto *Sòl i Sostre* (2021) foi exibido no 7º festival *Mirades de fotografia* del Bajo Ampurdán. Trabalhou como assistente da fotógrafa Tanit Plana, com quem participou no projeto deste último *Púber* exposto no Centro de la Imagen La Virreina, Barcelona (2020). Atualmente trabalha como curadora em conjunto com Borja Ballbé na plataforma digital *Panorama*, onde publica projetos artísticos que abordam questões relacionadas com a paisagem e o território.

Fosi Vegue escreve sobre a obra *Alerta Mira-Sol*: «Em 2019 a fotógrafa Blanca Munt participou num chat de bairro criado para monitorizar o seu bairro e alertar dos possíveis assaltos a casas ou outros eventos suspeitos. O que foi inicialmente apresentado como uma ferramenta de vizinhança eficaz logo se tornou uma fonte de conjectura, suspeita e paranoia. A convivência aparentemente tranquila dos moradores de um bairro de ruas brilhantes e casas padronizadas começou a desabar, não só pela existência real de roubos, mas também pela desintegração

absoluta da ideia de comunidade quando o que está em jogo é a segurança individual: deixaria de ser apenas suspeito aqueles que fossem avistados nas imediações pela sua aparência ou atitude, mas qualquer vizinho que não cumprisse fielmente a missão do grupo. As fotografias de *Alerta Mira-Sol* estão entrelaçadas com outras fontes de informações e as imagens mentais que geramos à medida que conhecemos os pontos de vista interessados de cada um dos protagonistas desta paisagem – vizinhos, suspeitos, polícias, administradores locais – e que apelam plenamente

aos nossos próprios medos e contradições. Nas suas próprias palavras, Blanca Munt propõe em *Alerta Mira-Sol* uma «reflexão sobre a tensão entre o privilégio de viver num lugar pacífico e o constante sentido de ameaça latente como parte da cultura atual do medo».

**Gael del Río** (Barcelona, 1990) obteve uma licenciatura em Arquitetura pela Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona em 2015. Descobriu a fotografia na reta final da faculdade, durante o seu ano de intercâmbio no Royal Melbourne Institute



Blanca Munt  
Série *Alerta Mira-Sol*, 2019  
© Blanca Munt

A exposição reúne quatro projetos que, de uma forma muito pessoal, nos levam a diferentes realidades baseadas na memória do passado ou em aspectos relacionados com a identidade coletiva



Gael del Río  
Série *Evocare*, 2017  
© Gael del Río

of Technology. Aí estudou a disciplina «Architecture After Dark», ministrada pela fotógrafa de arquitetura e paisagem Erieta Attali. A partir desse momento, a sua vida pessoal e profissional gira progressivamente de direção. Estuda esta disciplina no Institut d'Estudis Fotogràfics de Catalunya (IEFC) e na escola Grisart. Hoje se dedica profissionalmente à fotografia arquitetônica, desenvolvendo projetos pessoais que foram expostos no Mutuo (Barcelona), no Festival Voies Off (Arles) e no Fotofever (Paris), entre outros. O



Carlos del Río  
*Sem título*, 1993-1996  
© Gael del Río

seu fotolivro *Evocare* foi finalista do DOCfield Dummy Award 2017.

Como salienta Luca Bani, *Evocare* é a obra prima de Gael del Río, « projeto autobiográfico que nasceu com a morte de Carlos del Río, pai da autora, e pesquisa a relação entre a sua própria obra artística e a obra gráfica do seu pai. Este, cirurgião de profissão e ao mesmo tempo amante da arte, dedicou uma parte importante da sua vida à pintura, escultura e gravura. Quando morre no final de 2015, a autora recorre à fotografia para enfrentar a dor e transformar o que sente em algo tangível.

Com este trabalho, Gael del Río nos oferece um olhar íntimo e sensível sobre a dor. A revelação do vínculo familiar nos traz conforto e, de certa forma, nos oferece um significado à perda, entendida como um momento crucial da transição geracional.

O seu desejo de traduzir o intangível em imagens a leva a transcrever emoções através da câmara, dando origem a fotografias sugestivas e poéticas, cheias de elementos evocativos. São imagens que falam de ausência e perda, nas quais a centralidade do sujeito fotografado sublinha a individualidade e subjetividade do projeto.



Gunnlöð Jóna Rúnarsdóttir  
Série *Obscure Presence*, 2018-2020  
© Gunnlöð Jóna Rúnarsdóttir

A autora nos transporta para o seu mundo interior, composto por objetos dispersos, isolados e solitários, que dialogam com a arte plástica do pai, um compêndio de ideogramas cheios de significados ocultos. Uma conversa entre duas visões pessoais justapostas que sugerem uma ligação formal e conceptual entre duas gerações de artistas.

No entanto, qual é a verdadeira essência desta ligação? Até onde vai a ligação que une as duas obras?

Nestas questões reside a força do projeto, uma obra que deixa ao observador a tarefa estimulante de descobrir, ou melhor, imaginar as múltiplas interpretações que cada peça admite, em si mesma ou em relação aos outros, e que expõe ligações que muitas vezes são impalpáveis e difíceis de descrever num meio como a fotografia».

**Gunnlöð Jóna Rúnarsdóttir** (Reikiavik, Islândia, 1992) se formou na Escola de Fotografia (Ljósmyndaskólinn) em Reikiavik em 2018. Ali frequentou um curso de Introdução à Fotografia e ficou fascinada por esta disciplina. Com grande paixão e interesse em aprender mais, se mudou para Barcelona para continuar a estudar. No verão de 2019 obteve o mestrado em Fotografia e Design de Elisava, Faculdade de Design e Engenharia de Barcelona. Atualmente vive em Reykjavik e trabalha como fotógrafa. Sempre sentiu uma grande paixão pela



arte, tanto visual como cênica. A maioria dos seus projetos são sobre o que é ser humano, sonhar, viver, sentir e morrer. Além das suas séries pessoais e de projetos a longo prazo, o seu trabalho se centra no retrato.

A própria autora refere-se ao seu trabalho, ***Obscure Presence***: «Vindo de uma pequena e isolada ilha, com clima extremo e paisagens que parecem de outro mundo, nós islandeses temos uma ligação única com o desconhecido.

Tendemos a acreditar em fantasmas, duendes e *huldufólk* (pessoas escondidas), e muitos de nós sentimos uma ligação com essas criaturas sobrenaturais.

De acordo com um estudo de 2007 do professor de folclore Terry Gunnell, a maioria dos islandeses não descarta a existência de fantasmas e

duendes; na verdade, muitos estão totalmente convencidos de que existem.

O isolamento extremo das pessoas, que vivem em cabanas desde tempos imemoriais, pode estar na base das suas experiências com o sobrenatural.

Mas como podemos explicar essas crenças hoje?

Entrevistei islandeses que tinham histórias pessoais relacionadas com experiências sobrenaturais e usei essas narrativas como base para as minhas imagens. Desde o início do processo, ficou claro para mim que a maioria dessas histórias tinha um tema em comum e uma atmosfera semelhante. No meu trabalho *Obscure Presence* o meu objetivo é mostrar estas histórias e criar uma série de imagens que sublinhe esta atmosfera».



# Paolo Gasparini, Campo de imagens

TEXTO: ÁREA DE CULTURA DA FUNDACIÓN MAPFRE IMAGENS: © PAOLO GASPARINI

De 30 de setembro de 2021 a 16 de janeiro de 2022 você poderá desfrutar da exposição *Paolo Gasparini, Campo de Imagens no Centro de Fotografia KBr Fundación MAPFRE (Barcelona)*. Este artista italiano é o fotógrafo que melhor retratou as tensões e contradições culturais do continente sul-americano. Suas imagens transmitem a dura realidade social que enfrentou uma região cuja autenticidade cultural é inquestionável e onde a tradição passada e local dialogam com uma modernidade imposta desajeitada. Gasparini cria um trabalho com sua própria linguagem visual que sempre parece manifestar uma crítica à sociedade consumidora, ao mesmo tempo em que revela uma certa obsessão com a forma como *marketing* e publicidade nos seduzem.

Suas obras nos permitem compreender não apenas as diferenças entre a Europa e o continente latino-americano, mas as diversidades oferecidas por este último, do México ao sul dos Andes. Como aponta a curadora da exposição, María Wills: «As fotografias de Gasparini refletem sobre os efeitos de décadas de migrações políticas nos séculos XX e XXI: dos europeus à América, como causa da Segunda Guerra Mundial, de cubanos à Espanha e aos Estados Unidos, dos equatorianos à Espanha e, mais recentemente, do êxodo em massa dos venezuelanos à Colômbia. Gerações e gerações marcadas por exilados voluntários e forçados só podem nos fazer pensar sobre a ambivalência da identidade».

Como italiano de nascimento, mas venezuelano em essência, o autor tem tentado eliminar com seu trabalho visões etnocêntricas e estereótipos que historicamente definiram a América Latina, quase sempre em função do

outro, ao qual os diferentes populismos e nacionalismos que o continente sofreu contribuíram.

O fotógrafo nasceu em Gorizia, Itália, em 1934. A fim de fugir do serviço militar, mudou-se para Caracas em 1954, com uma formação cultural que incluía um grande conhecimento do neorealismo italiano. Na Venezuela já estava parte de sua família, que havia emigrado voluntariamente, e, em particular, seu irmão Graziano, então já um renomado arquiteto que lhe deu sua primeira câmera aos dezessete anos. Começou então uma intensa atividade como fotógrafo de construções arquitetônicas, enquanto captava imagens dos subúrbios da capital. Logo começou a trabalhar para projetos da UNESCO, paralelamente ao seu trabalho mais pessoal, que desenvolveu na Venezuela e em Cuba. Como resultado deste trabalho, o livro *Para te ver melhor, América Latina* (1972) é publicado no México, considerado um dos fotolivros mais emblemáticos da história. Em 1979 foi o primeiro artista latino-americano presente no Les Rencontres Internationales de la Photographie de Arlés e, em 1984,



*Carnaval, La Habana, 1962*  
Coleções Fundación MAPFRE  
© Paolo Gasparini

que ele revisa sua série ao longo do tempo e cria histórias em que a América Latina dialoga com outras latitudes e mostra como a sociedade de consumo atinge globalmente.

A publicação é sobre Gorizia e Caracas, que é como dizer Itália e Venezuela ou o primeiro e terceiro mundo. É composta de setenta fotografias impressas em sangue que conectam realidades de dois mundos aparentemente opostos enfatizando as suas diferenças.

om uma nova exposição em Arles, recebeu a medalha de prata de Les Rencontres. Em 1993 ganhou o Prêmio Nacional de Fotografia da Venezuela e dois anos depois representou seu país na Bienal de Veneza.

Nas últimas duas décadas viajou intensamente pela Europa e América Latina completando séries sobre temas previamente abertos e fez inúmeras exposições em torno de suas fotografias e em seus livros, cerca de vinte publicados até hoje.

O percurso pela exposição é dividido em dezesseis seções que coletam alguns dos projetos mais relevantes do artista ao longo de mais de seis décadas de trabalho, e enfatiza seus fotolivros, que o artista reconhece como meio de expressão comparável, em importância, às suas fotografias.

#### *Andata e ritorno (1953-2016)*

*Andata e ritorno* é, além da primeira seção da exposição, o título do fotolivro de Paolo Gasparini publicado em Caracas pela La Cueva Casa Editorial em 2019. Alude, de forma metafórica, à forma de trabalho do autor, que quebra a temporalidade, uma vez

#### **Rostos da Venezuela e Bobare (1956-1960)**

Entre 1955 e 1960 Gasparini viaja pela Venezuela, primeiro com seu irmão Graziano, depois com sua esposa, a técnica de laboratório Franca Donda, com quem atravessa a fronteira da Colômbia, atravessa as Cordilheira dos Andes e



*Compañero Lenin, Havana, 1963*  
Coleções Fundación MAPFRE  
© Paolo Gasparini

Como italiano de nascimento, mas venezuelano em essência, o autor tem tentado eliminar com seu trabalho visões etnocêntricas e estereótipos que historicamente definiram a América Latina

*Na rua*, Santiago de Cuba, 1964  
Coleções Fundación MAPFRE  
© Paolo Gasparini

percorre as terras do estado de Lara. Documenta o modo de vida dos camponeses nas áreas rurais e na comunidade indígena Wayú. Publica *Bobare* em 1959, «a vila mais pobre, mais abandonada e miserável do estado de Lara», segundo suas próprias palavras, em suas próprias palavras, sob a influência de um de seus maestros indiscutíveis, Paul Strand, que conheceu na França em 1956.

Este primeiro fotolivro de Gasparini é organizado tomando como referência a estrutura de *Un paese* (1955), pelo próprio Strand. Um relato de denúncia baseada em retratos individuais e familiares, espaços interiores e fachadas de casas, bem como textos que descrevem a história da cidade, contada por seus habitantes. A publicação resume o apelo

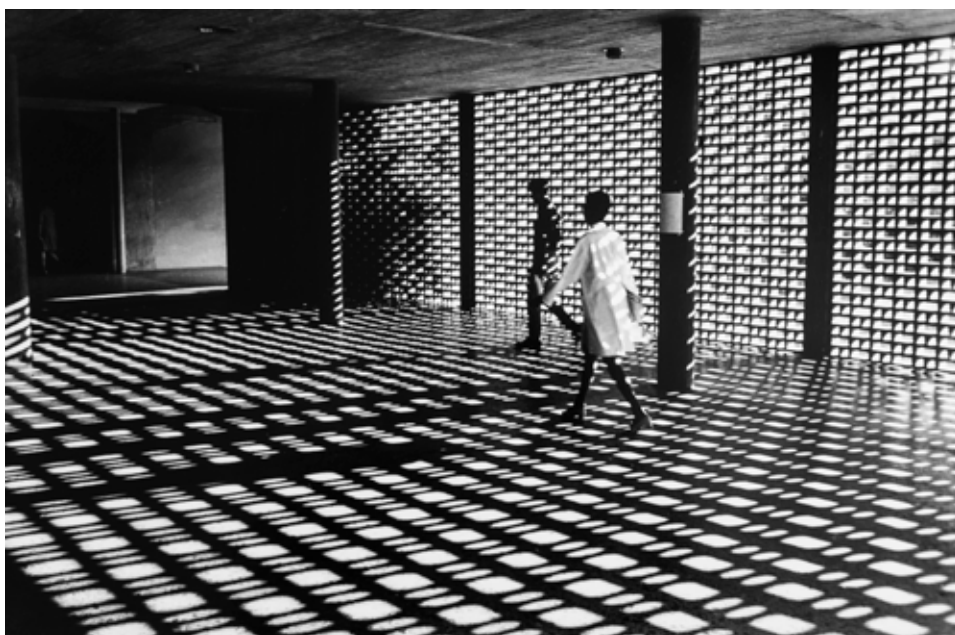


dos habitantes ao presidente da República Rómulo Betancourt para atender a um povo que vive mal em um lugar deserto. Na Venezuela, *Bobare* inaugura o tema do ensaio fotográfico que torna visível a pobreza. Em 1961, expôs *Rostos da Venezuela: 50 fotografias de Paolo*

*Gasparini* no Museu de Belas Artes de Caracas.

Entre 1961 e 1965 o autor viaja com Franca para Havana, convidado pelo arquiteto Ricardo Porro e pelo escritor Alejo Carpentier. Eles percorrem a cidade e tiram fotografias da arquitetura colonial e o estilo barroco de Havana, de onde surge a série «Havana, a cidade das colunas» (1961-1963). Lá ele também começa a representar cenas de rua, comícios populares, carnaval e se interessa pelo projeto da escola de artes plásticas da cidade.

Compartilha o entusiasmo revolucionário e contribui com o suplemento literário *Segunda-feira de Revolução*. Trabalha no Conselho Nacional de Cultura e em nome da UNESCO documenta o ambicioso projeto da campanha de



*Transparência*, Cidade Universitária de Caracas, arquitetura de Carlos Raúl Villanueva, 1967-1970  
Coleções Fundación MAPFRE  
© Paolo Gasparini

O percurso pela exposição é dividido em dezesseis seções que coletam alguns dos projetos mais relevantes do artista ao longo de mais de seis décadas de trabalho, e enfatiza seus fotolivros, que o artista reconhece como meio de expressão comparável, em importância, às suas fotografias



Campanha eleitoral de luxo, Caracas, 1968  
Coleções Fundación MAPFRE  
© Paolo Gasparini

diversas ocasiões, sua experiência é evidenciada nesta reflexão: «[...] a Revolução Cubana, em certo momento, significava a utopia, a alternativa, a possibilidade de criação do novo homem e foi fotografada nesse sentido. Foi tomado um rumo que não é o que pensávamos. E isso cria uma grande decepção, amargura e falta de credibilidade».

### Estudo Caracas (1967-1970) e Karakarakas, democracia e poder (1967-1970)

Em sua produção, Gasparini articula no enquadramento de situações contraditórias, registra imagens dentro das imagens. Às vezes ele os monta no laboratório e os sobrepõe. Ele usa a montagem e a edição como um sistema para produzir ideias, e suas narrativas tentam motivar a ação e atacar consciências.

Entre 1968 e 1970, juntou-se à equipe editorial da revista *Rocinante*, publicada por intelectuais da esquerda venezuelana comprometidas com as causas revolucionárias do mundo. A revista chega em um momento em que a luta armada foi derrotada no país e alguns dos que anteriormente saíram às ruas para protestar começam a trabalhar em instituições estatais

Campanha eleitoral, avenida Urdaneta, Caracas, 1968  
Coleções Fundación MAPFRE  
© Paolo Gasparini

alfabetização cubana (1964-1965). Durante esses anos, com o objetivo de difundir a Revolução, o cinema e a fotografia vivem um momento de esplendor. Gasparini colabora com cineastas como Armand Gatti ou Agnès Varda, de quem extrai alguns recursos expressivos e técnicos,

como o uso de fades, varreduras de imagem e a inclusão de pinturas com texto na história, com as quais ele ordena boa parte de suas práxis fotográficas, especialmente audiovisuais, a partir de 1980.

Ao longo de sua carreira Gasparini retorna a Cuba em



*Quarto minguante contaminado*,  
 madrugada de 13 de dezembro  
 em frente à Basílica da Virgem de  
 Guadalupe, Cidade do México, 1994  
 Coleções Fundación MAPFRE  
 © Paolo Gasparini



e na universidade. A maioria das questões é ilustrada por Gasparini e satiriza políticos, escritores ou companhias petrolíferas. Envolvidos com a esquerda venezuelana, suas fotografias também ilustram livros de conteúdo revolucionário, sobre a luta de classes, denúncias de tortura no país, bem como questões de guerrilha, capitalismo e subdesenvolvimento na América Latina.

#### ***Retromundo (1974-1985)***

«[...] deixei a Europa com um baú cheio de imagens americanas. Em uma segunda etapa, volto ao primeiro mundo carregado com as imagens da realidade latino-americana. É assim *Retromundo* surge, um fotolivro que não confronta realidades, visa sim ser evidência do que está acontecendo

nos dois continentes», explica Gasparini sobre esse projeto.

*Retromundo* (1986) é um fotolivro no qual, auxiliado pela palavra poética, o autor estabelece um diálogo entre o primeiro e o terceiro mundo. O primeiro é representado com imagens de anúncios, slogans, pedestres em cidades europeias e americanas que são refletidas e multiplicadas nas superfícies translúcidas das vitrines. Na representação do terceiro mundo não há reflexos em espelhos ou cristais, mas reproduz cenas de rua, miséria e pobreza, aspectos comuns em países latino-americanos. Assim, opondo imagens como se fosse um díptico, Gasparini confirma uma forma de fazer isso é frequente em sua produção. A criação de um discurso que cobra sentido em relação a seu contrário.

**Série «O céu que vemos aqui», 1971-1992; «Brasília, dois em um», 1972-1973 e 2013; «São Paulo, a morte da aura», 1997, 2013 e 2015; «Maracaibo, La Guajira e o petróleo», 1970-2017; «A rua», 1969-1999; e «O faquir da Torre Capriles, Plaza Venezuela, Caracas», 1970**  
 Em 1978 Gasparini participou de Colóquios de Fotografia realizados no México, e mais tarde em Cuba, em 1984. Essas reuniões foram o fórum mais importante para discussão nesse período. As palestras trataram de temas como o papel que o fotógrafo deve assumir em relação ao contexto em que trabalha, bem como a necessidade de criar um projeto visual que mostrasse as contradições que a convivência da pobreza e da riqueza podem produzir, mas sem cair no drama ou no exotismo.



*O olhar sobre o mundo,*  
Los Angeles, 1997  
Coleções Fundación MAPFRE  
© Paolo Gasparini

Nesse sentido, o trabalho de Gasparini é profundamente respeitoso e mostra os aspectos mais difíceis da sociedade, a vida dos mineiros e camponeses andinos em séries como «O céu que vemos aqui», mas através de imagens dotadas de grande dignidade, como as de mãos com chapéus que amarram seus filhos com cobertores artesanais após longos dias de trabalho no Peru.

Após sua experiência como fotógrafo de arquitetura em Caracas, em 1970, a Unesco o contratou, juntamente com o crítico de arte Damián Bayón, para fotografar os edifícios pré-colombianos, coloniais e contemporâneos do continente, a fim de publicá-los junto com a pesquisa de Bayón (*Panorâmica da arquitetura latino-americana*). Como resultado desse pedido, o autor pôde fotografar os projetos

urbanos construídos do México aos pampas argentinos e de Brasília a Machu Picchu. Além disso, como o próprio Gasparini aponta: «eu me esforço para fotografar a vida dos marginalizados, daqueles que não têm nada, e as grandes diferenças que coexistem ao lado desses grandes edifícios». Essas contradições e os efeitos injustos da pós-colonização podem ser vistos em séries como «Brasília, dois em um» (1972-1973 e 2013); «São Paulo, a morte da aura» (1997-2015); «Maracaibo, La Guajira e o petróleo» (1970-2017) ou «A rua» (1970-1999). Fotografias que refletem um projeto visual sólido que, como ressalta Sagrario Berti, «está longe de ser vitimizado e, pelo contrário, reflete um ambiente hostil, mas bonito em sua poderosa capacidade de resistir», e apoia a

ideia de que a fotografia deve ser um veículo para denunciar injustiças sociais, um dos objetivos éticos dos Colóquios mencionados acima.

Uma de suas séries mais reconhecidas é a baseada na Praça Venezuela, em Caracas, coroada pela Torre Capriles, de 60 mil metros quadrados e uma fachada moderna, projetada pelo artista Jesús Rafael Soto. Esse elemento, que transforma o espaço público em arte, torna-se uma metáfora para a queda da utopia do progresso. Um morador de rua que colocou sua cama no meio da passagem daqueles que caminham é na verdade o protagonista, e não a torre ou sua fachada.

### **México-O Suplicante (1971-2015)**

Desde 1971, as viagens de Gasparini ao México têm sido tão frequentes que sua capital



O trabalho de Gasparini é profundamente respeitoso e mostra os aspectos mais difíceis da sociedade, a vida dos mineiros e camponeses andinos, mas através de imagens dotadas de grande dignidade

*Brincadeira infantil com grafite*, São Paulo, 1997  
Coleções Fundación MAPFRE  
© Paolo Gasparini

se tornou quase sua terceira residência. Após receber o Prêmio Nacional de Fotografia na Venezuela em 1993, foi convidado como pesquisador pela Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa, no programa de Cultura Urbana da Cidade do México. Desde então, ele percorreu a grande metrópole em várias ocasiões e fotografou suas ruas e seus habitantes. Com o tempo, essas estadas deram frutos em *Litanias do Pó* (2009), um audiovisual em formato de CD que acompanha o livro de fotos *O suplicante* (2010). Com textos de Juan Villoro e do próprio Gasparini, esta publicação conta uma história que começa com a revolução zapatista e se estende ao líder do grupo armado indígena, Subcomandante Marcos. Os textos de Villoro são separados das fotos, não os ilustram; os do fotógrafo fazem, e eles aparecem na introdução e no final, como uma nota explicativa de seu trabalho.

Na sequência é comum encontrar imagens de Cristos crucificados, grafites, cartazes colados nas paredes com o retrato de uma vítima, lutadores mascarados e «Zapatistas», bem como barracas de vendedores ambulantes, periferias ou cruzeiros e cerimônias cristãs.

*Volta à casa*, São Paulo, 1997  
Coleções Fundación MAPFRE  
© Paolo Gasparini



#### O anjo da história (1963-2018)

*O anjo da história* é um mural de doze metros composto por fotografias 63 tiradas em diferentes países que compõem uma visão geral da obra de Gasparini. O título faz uma

referência concreta ao filósofo Walter Benjamin e sua ideia sobre história, que como um anjo, olha para o passado em ruínas para refletir e entender o meio ambiente e denunciar a falta de futuro e progresso. ✕





# Judith Joy Ross

## *O retrato da alma*

TEXTO: ÁREA DE CULTURA DA FUNDACIÓN MAPFRE  
IMAGENS: © JUDITH JOY ROSS, COURTESY GALERIE THOMAS ZANDER, COLOGNE

A Fundación MAPFRE apresenta uma ampla retrospectiva da norte-americana Judith Joy Ross (Pensilvânia, 1946), a partir do arquivo fotográfico que a artista desenvolveu ao longo dos últimos quarenta anos. Junto com suas obras mais conhecidas, a exposição também apresenta materiais inéditos, que trazem um olhar atualizado sobre sua obra. De 24 de setembro de 2021 a 9 de janeiro de 2022, esta exposição pode ser visitada na Sala Recoletos de Madrid.

Desde a década de 1980, Judith Joy Ross concentrou seu trabalho principalmente no gênero do retrato. Com uma abordagem documental inspirada na obra de artistas como August Sander, Walker Evans e Diane Arbus, é capaz de retratar completos estranhos com uma sensibilidade muito especial. A autora organiza seu trabalho em grupos. Até a presente data, sabe-se que foram realizados cerca de vinte ao longo de vários anos, e outros em poucos dias.

Judith Joy Ross começou a fotografar em 1966, mas foi em 1982, no Eurana Park, local que costumava frequentar com a família quando pequena, que realmente se apaixonou pelo entorno. Após a morte de seu pai, a artista encontrou na fotografia uma forma de lidar com o processo de luto. Além disso, percebeu que a fotografia ajudava a entender melhor o mundo ao seu redor. Suas imagens, longe de qualquer pretensão, têm a capacidade de unir o passado, o presente e o futuro dos indivíduos que posam diante de sua câmera. Ross não é uma típica retratista de

estúdio, tampouco sai às ruas para fotografar algo em específico. Ela trabalha por temas, os quais chama de «ocasiões», e a cada imagem que faz se estabelece um tipo de reconhecimento entre ela e a pessoa retratada, ainda que esta identificação dure apenas um instante, o tempo que ela leva para tirar a foto.

Na obra de Ross, é possível apreciar duas linhas claramente distintas: por um lado, os projetos de caráter mais social e, por outro, os de caráter pessoal. Neste último sentido, seu primeiro projeto foi desenvolvido no Eurana Park, onde durante dois verões consecutivos retratou crianças e adolescentes que frequentavam o local. Nesse caminho de recuperação da memória, também retornou a Nanticoke, uma pequena cidade no norte da Pensilvânia onde seu pai administrava uma loja e onde fotografou o que restava da fachada da mesma e do refeitório onde tomava café da manhã com seus pais. Todas essas imagens estão impregnadas de uma pátina de nostalgia com a qual a artista relembra seu passado, talvez com a intenção de superar a perda.

Desde o início, Ross utiliza uma câmera de grande formato 8x10 e trabalha com cópias de

Na obra de Ross, é possível apreciar duas linhas claramente distintas: por um lado, os projetos de caráter mais social e, por outro, os de caráter pessoal



Sem título, Eurana Park, Weatherly, Pensilvânia, 1982  
© Judith Joy Ross, courtesy Galerie Thomas Zander, Cologne

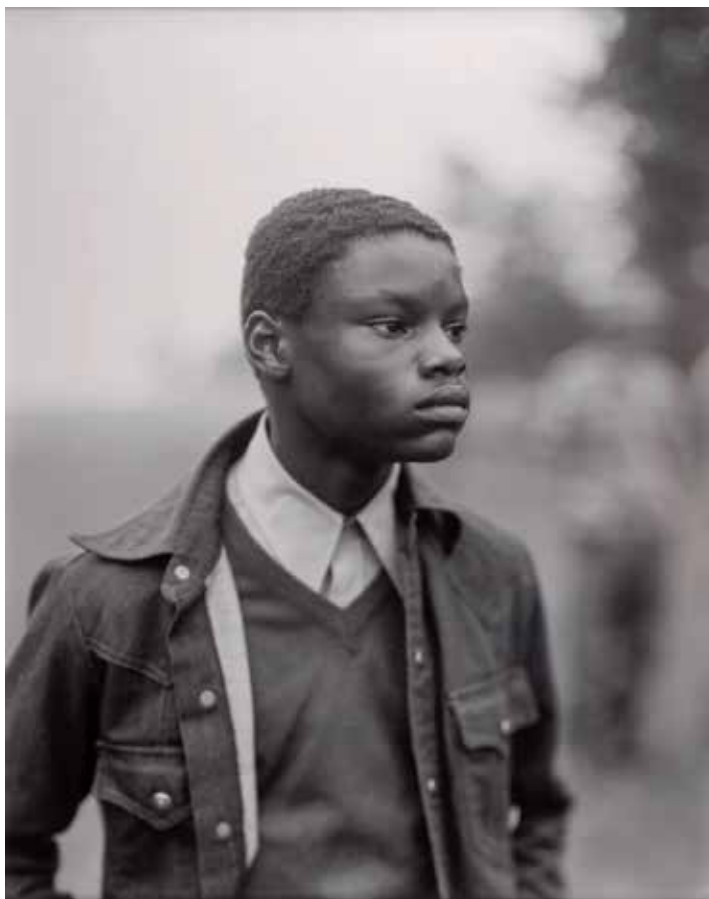
impressão direta, mergulhadas em uma solução de ouro para adicionar luminosidade, dentro de uma gama de tons frios de cinza e marrom. Em 1983, ao saber que o projeto do Monumento aos Veteranos do Vietnã em Washington estava pronto, decidiu ir até lá para tentar dar sentido àquela guerra que, entre 1959 e 1970, custou a vida de milhares de pessoas de ambos os lados. Durante todo aquele verão e o seguinte, Ross fotografou os enlutados dos falecidos e os visitantes. Posteriormente, algumas dessas imagens foram escolhidas por John Szarkowski para a exposição *New Photography* (1985) no MoMa, o que a tornou conhecida como um dos novos talentos do meio.

Após esta experiência de luto, a autora se sentiu atraída pelos políticos que decidiram embarcar nessa guerra sem sentido. Esse interesse coincidiu com o que ficou conhecido como Caso Irã-Contra, em que a imprensa revelou, durante a gestão do presidente Reagan, a venda secreta de armas pelo governo norte-americano em troca da libertação de reféns no Irã e na Nicarágua.

Entre maio de 1986 e maio de 1987, a artista tirou centenas de fotos de parlamentares e seus



Sem título, Easton, Pensilvânia, 1988  
© Judith Joy Ross, courtesy Galerie Thomas Zander, Cologne



Sem título, Monumento aos Veteranos do Vietnã, Washington, D.C., 1984  
© Judith Joy Ross, courtesy Galerie Thomas Zander, Cologne



Nanticoke, Pensilvânia, 1985  
© Judith Joy Ross, courtesy Galerie Thomas Zander, Cologne

assessores, dentro e ao redor do Capitólio. O resultado foi mais de uma centena de imagens de grande beleza, imbuídas de intimidade e humanidade.

Em 1990, influenciada pela série de August Sander «People of the 20th Century» (Homens do século XX, em português), na qual o artista apresenta uma ampla gama de arquétipos sociais, decide se concentrar na classe trabalhadora em um projeto intitulado «Jobs». Embora não fosse um motivo novo para a artista, durante esse período ela o explorou

com maior intensidade. Foi a lojas de autopeças, consultórios médicos e prefeituras e captou a essência dessas pessoas com tanta intensidade que é difícil imaginá-las fazendo qualquer outra atividade. Por ocasião desse projeto, conseguiu ter acesso ao batalhão de Bethlehem, onde fotografou os reservistas que, em alerta vermelho, foram repentinamente chamados ao Golfo Pérsico como parte da Operação Escudo do Deserto, após a ocupação do Kuwait pelo Iraque. Além desses retratos,

a fotógrafa também tirou fotos das manifestações locais que foram realizadas em apoio às tropas.

Depois de ganhar o Charles Pratt Memorial Award em 1992, Ross lançou uma série sobre a educação pública. Durante três anos, a artista fotografou interiores de escolas e voltou à sua própria, em Hazleton, onde seus irmãos e sua mãe também haviam estudado. Essas fotos formam um retrato coletivo da educação pública nos Estados Unidos por meio de seus professores, alunos das



Robert C. Byrd, porta-voz da oposição, senador democrata, Virgínia Ocidental, 1987  
© Judith Joy Ross, courtesy Galerie Thomas Zander, Cologne



Soldado de primeira classe Maria I. Leon, Bethlehem, Pensilvânia, 1990  
© Judith Joy Ross, courtesy Galerie Thomas Zander, Cologne

creches, jardim de infância, ensino fundamental e médio. Nesta ocasião voltou a focar na memória e nas lembranças, como ela própria afirma: «Não quero que estas imagens expliquem o que a escola significa no sentido documental. Eu quero que seja uma jornada emocional. Quero que o espectador se reconecte com o que significa ser criança de novo».

Em meados da década de 1990, os afro-americanos eram uma minoria em Lehigh Valley, onde a autora residia. No verão

de 1998, decidiu dirigir até uma das áreas mais pobres a noroeste da Filadélfia e instalar sua câmera em um parque. Com a ajuda de um funcionário municipal, começou a fotografar as crianças que ali brincavam, além de alguns membros de diversos programas sociais juvenis e das igrejas. Esses retratos irradiam uma presença intensa em um contexto de violência e miséria.

Os atentados de 11 de setembro em Nova York e Washington D.C. e a Guerra do Afeganistão

motivaram a artista a realizar uma série de projetos nos quais decidiu abandonar sua postura neutra na hora de realizar o seu trabalho, pois, como ela mesma ressaltou: «Quis ser honesta sobre meus sentimentos de ódio em relação a guerra». Em 2008, em Bethlehem, foi realizada uma exposição intitulada *Eyes Wide Open* (Olhos bem abertos, em português), pela organização quaker *American Friends Service Committee*. Encorajada por este evento que denunciava o custo humano das guerras no Afeganistão e no Iraque, Ross

Os atentados de 11 de setembro em Nova York e Washington D.C. e a Guerra do Afeganistão motivaram a artista a realizar uma série de projetos nos quais decidiu abandonar sua postura neutra na hora de realizar o seu trabalho



Annie Hasz, *Easton Circle, Easton, Pensilvânia, 2007*  
© Judith Joy Ross, courtesy Galerie Thomas Zander, Cologne



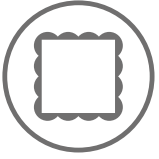
*Perséfone, 2015*  
© Judith Joy Ross, courtesy Galerie Thomas Zander, Cologne

passou a explorar este tema. Ela fotografou, por um lado, os indivíduos que compareciam a esta exposição itinerante durante sua passagem pelo oeste da Pensilvânia e, por outro, manifestantes com suas mensagens de protesto escritas em faixas e cartazes, tanto na Pensilvânia quanto no Arizona e em Washington D.C. Todos esses retratos foram publicados em um pequeno livro em cuja capa era possível ler: PROTESTAMOS CONTRA A GUERRA. Quando terminou o livro, ela o distribuiu aos membros do Congresso,

com a ingênua esperança de poder provocar algum tipo de mudança.

Em 2007 o papel de impressão direta que a artista vinha utilizando ao longo de sua carreira parou de ser produzido, o que a fez passar a fotografar principalmente em cores, um terreno até então pouco explorado por ela. Passou a utilizar cores suaves e comedidas, com flashes fortes, que conferem às suas imagens uma aura semelhante à gerada com o preto e branco. Nos últimos anos, a artista voltou

a fotografar em preto e branco, e suas imagens se tornaram mais essenciais, menos anedóticas. O retrato de uma jovem com uma tiara de flores e um celular com capa de caveira na mão, intitulado *Perséfone* (2015), mostra, nas palavras do curador da exposição, Joshua Chuang, «a deusa do submundo que parece, mas é Judith Joy Ross quem olha sem medo para o mistério de seu ser, assimilando tudo». ✕





# Giorgio Morandi. O «ofício de pintar»

TEXTO: ÁREA DE CULTURA DA FUNDACIÓN MAPFRE IMAGENS: © GIORGIO MORANDI, VEGAP, MADRID, 2021

A exposição *Morandi. Ressonância infinita* — que pode ser visitada de 24 de setembro de 2021 a 9 de janeiro de 2022 na Sala Recoletos da Fundación MAPFRE em Madrid — faz uma retrospectiva da obra de Giorgio Morandi (Bolonha, 1890-1964), um dos artistas mais importantes e inclassificáveis na história da arte do século XX.

O pintor italiano dificilmente viajou para fora da Itália e passou a maior parte de sua vida em sua casa-ateliê na Via Fondazza em Bolonha. Lá, trabalhou em obras em que os objetos cotidianos, as flores e a paisagem se tornaram os protagonistas.

Em suas telas, tenta captar a realidade da forma mais fiel possível, através de seu lado poético e silencioso, que constrói através da luz, da cor e dos valores volumétricos. Neste caminho, trabalha em obras em que parece não haver nada mais do que o que a pintura mostra: formas básicas e puras, o que confere um forte sentido de irrealidade às suas composições.

Nesta exposição, sua produção é acompanhada por uma criteriosa seleção de obras de artistas contemporâneos que, através de sua prática artística, estabeleceram um diálogo fecundo com o mestre bolonhês. Artista entre os artistas, Morandi é internacionalmente reconhecido como uma das figuras-chave no desenvolvimento da arte contemporânea.

A exposição faz um percurso extenso pela produção morandiana através de diferentes seções nas quais são abordados todos os temas apreciados pelo artista, principalmente naturezas mortas,

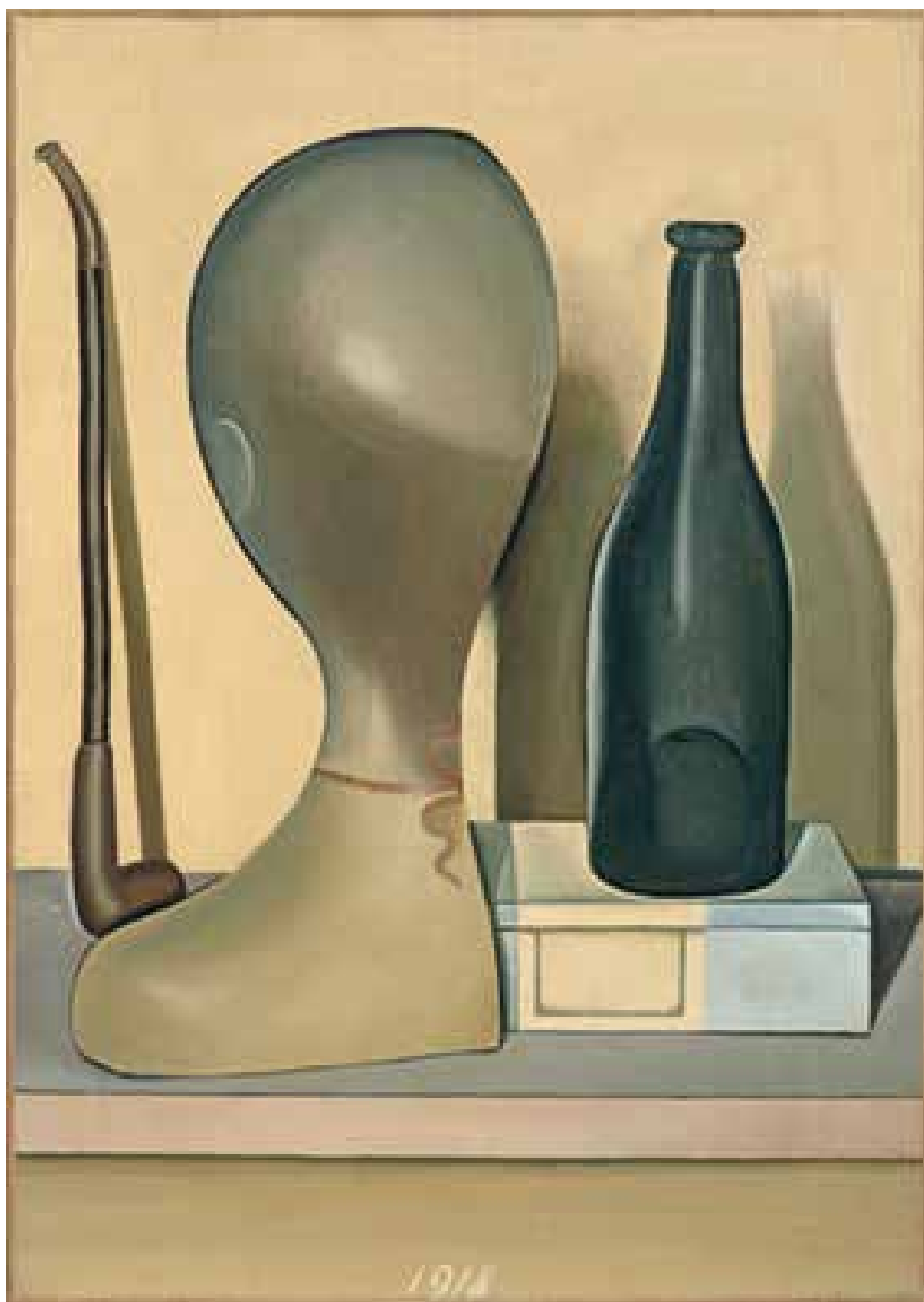
paisagens e vasos com flores. Além disso, ao longo da exposição o visitante encontrará, em diálogo com as obras do mestre bolonhês, a já referida seleção de obras de artistas contemporâneos que foram influenciados pelo mesmo. É o caso de Joel Meyerowitz, Rachel Whiteread, do casal artístico Bertozzi & Casoni e de Alfredo Alcáin, apenas para citar alguns.

## O perfume negado

Como se sabe, o impressionismo mudou o modo de olhar e, além disso, recuperou gêneros considerados «menores», como a paisagem e a natureza morta, que durante anos caíram e permaneceram no esquecimento.

Em seus estudos de flores, Morandi olha para Renoir e trabalha esses tipos de composições de forma tradicional. *Flores*, de 1952 (V. 796), apresenta um vaso que se destaca por sua verticalidade, em oposição à horizontal que marca o local onde está apoiado, resultando num equilíbrio um tanto quanto instável. Apesar da simplicidade das cenas, esses vasos, que em sua maioria abrigam rosas, zínias ou margaridas, geram uma espécie de mal-estar no espectador; talvez porque os arranjos, associados ao efêmero e ao inevitável murchamento das flores, permaneçam representados na pintura eternos e imutáveis, subtraídos da passagem do tempo.

*Natura morta* [Natureza morta], 1914  
Óleo sobre tela, 73,8 × 65 cm  
Collezione Augusto e Francesca Giovanardi, Milão  
Photo © Alvisè Aspesi



*Natura morta metafisica*  
[Natureza morta metafísica], 1918  
Óleo sobre tela, 54 × 38 cm  
Fondazione Magnani-Rocca,  
Mamiano di Traversetolo, Parma

foi lento, certamente por meio de manuais, mas após dez anos de prática conseguiu transcrever as sensações das cores para as gradações dos pretos e brancos da gravura. Suas estampas, embora pareçam simples, são o resultado de um processo complexo e meticuloso que, apesar de tudo, não faz com que a imagem perca a espontaneidade.

Sua primeira gravura foi feita aos vinte e dois anos, em 1912. A partir deste momento, sua atividade com esta técnica será contínua, embora com algumas interrupções, até três anos antes de sua morte. As décadas de 1920 e 1930 são as mais prolíficas quando se trata de gravuras.

Com o tempo, Morandi transformou o água-forte em uma técnica de obtenção de tonalidades, superando seu uso como procedimento para definir apenas as formas dos objetos. O claro-escuro ocupará então quase toda a folha, e os brancos do papel funcionarão como uma cor a mais, graças às áreas da placa que, quando deixadas sem a intervenção do artista, após a impressão, passam a ser brancas. Assim como em sua pintura, seu interesse pelos volumes e pela luz o levará a criar um ambiente que parece envolver os motivos. É essa atmosfera que gera a aura imediatamente reconhecível da poética morandiana.

### O timbre autônomo da gravura

Ao longo de sua carreira, Morandi realizou cerca de cento e trinta gravuras, todas utilizando exclusivamente a cor preta. Para o artista bolonhês, a gravura

não era um complemento à suas pinturas, mas mais uma forma de expressão com entidade própria; ele tinha a convicção de que à certas «imagens» correspondiam certas técnicas de representação. Seu processo de aprendizagem

Apesar da simplicidade das cenas, esses vasos, que em sua maioria abrigam rosas, zínias ou margaridas, geram uma espécie de mal-estar no espectador

*Natura morta*  
[Natureza morta], 1928  
Óleo sobre tela, 34,5 x 46,5 cm  
Collezione Augusto e Francesca  
Giovannardi, Milão  
Photo © Alvise Aspesi

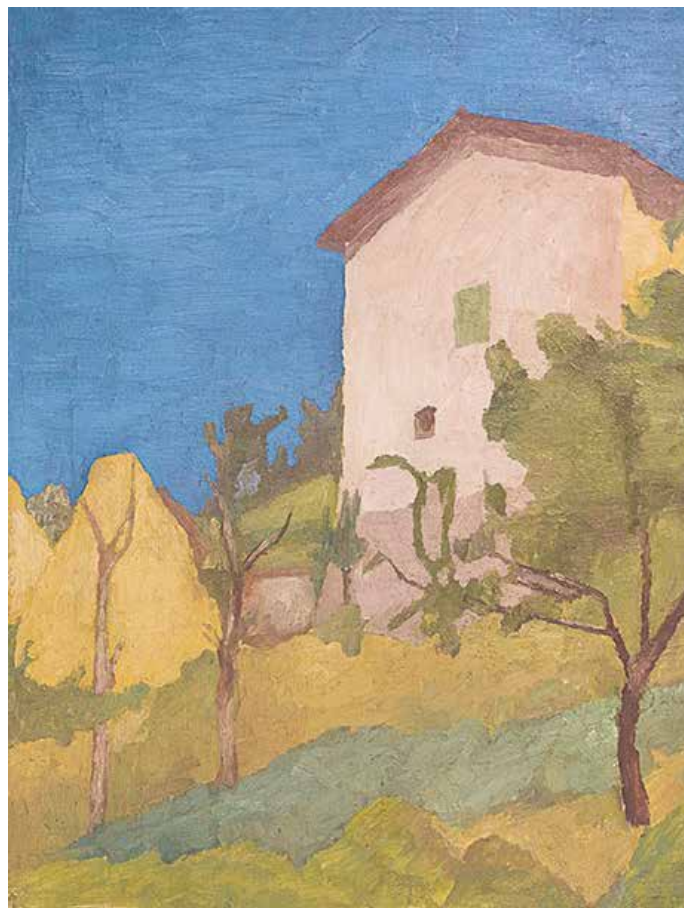


*Natura morta*  
[Natureza morta], 1937-1938  
Óleo sobre tela, 42 x 63 cm  
Musei Civici Fiorentini -  
Collezioni del Novecento,  
Firenze





Joel Meyerowitz  
*Morandi's Objects: Wood Grained Piche* [Objetos de Morandi: jarro de mármore], 2015  
 Impressão HP sobre papel 100 % algodão. 51 x 40,6 cm  
 Damiani  
 Photo © Joel Meyerowitz



*Paesaggio* [Paisagem], 1928  
 Óleo sobre tela, 61,7 × 46,8 cm  
 Collezione Augusto e Francesca Giovanardi, Milão  
 Photo © Alvise Aspesi

### As cores do branco

Ao longo dos anos, a pintura de Morandi foi tendendo à sublimação, a uma redução progressiva dos temas e ao refinamento técnico, contribuído pelas gradações tonais quase inefáveis e uma pincelada suave que começou a se desmaterializar a partir de 1950. As obras deste período são de uma simplicidade extrema e de uma dissolução crescente, a ponto de os motivos deixarem de ser claramente distinguidos

e se tornarem quase abstratos. Em 1955, durante uma entrevista para *Voice of America*, Morandi, questionado sobre o assunto, respondeu: «Acho que não há nada mais surreal, nada mais abstrato do que o real».

Nesse sentido, a cor branca é fundamental em sua poética. Por mais paradoxal que possa parecer, este «sem cor» adquire em suas composições um variado valor cromático, com seus tons de ocre, marfim, rosa e acinzentado. Nas aquarelas, o branco do papel

obviamente atua como uma cor a mais, em contraste com as áreas pintadas. Uma prática utilizada por Cézanne e que Morandi aplica também às suas obras gravadas.

### Diálogos silenciosos

Contemplar as naturezas mortas de Morandi desperta a emoção de estar em um tempo parado, quase eterno, impossível de alcançar. O artista, afastado das modas e movimentos que ocorreram na arte italiana durante as primeiras



*Natura morta* [Natureza morta], 1941  
 Óleo sobre tela, 37 × 50 cm  
 Istituzione Bologna Musei | Museu Morandi

décadas do século XX, aborda, com dedicação, o silêncio dos objetos cotidianos e domésticos que encontra em seu ateliê.

Morandi era capaz de pintar uma tela em algumas horas, mas antes dedicava muito tempo a pensar e estudar a composição dos objetos, a relação destes no espaço, a possível incidência

de luz e a gradação tonal. Suas garrafas, caixas, vasos, seja formando uma barreira compacta ou em uma composição mais solta, seguem sempre uma disposição controlada, sem nada casual. A atmosfera poeirenta de algumas de suas obras é obtida por meio de gradações tonais, com uma paleta que tende quase ao monocromático, mas que revela, à segunda vista, uma variação de tons muito mais rica do que se poderia pensar à primeira vista.

O mesmo ocorre com as variações de claro-escuro.

É como se, para Morandi, houvesse infinitas possibilidades na orquestração dos objetos no espaço; com efeito, alguns críticos usaram metáforas musicais para explicar sua pintura. A título de exemplo, Cesare Brandi escreve sobre a «força de uma nota colorida que se eleva com a pureza de um trinado, sem alterar a ordem harmônica», e Francesco Arcangeli fala de uma «paz sinfônica». ⊗





# Um futuro mais humano

TEXTO: LAURA SÁNCHEZ IMAGENS: FUNDACIÓN MAPFRE

«Nunca devemos esquecer que não há nada melhor que ajudar os outros». Esta frase concentra a essência da última campanha da Fundación MAPFRE que, sob o lema «Um futuro mais humano», quer lembrar a importância do compromisso e da responsabilidade individual na hora de construir um mundo no qual ninguém fica para trás. Uma filosofia que aplicamos há mais de 45 anos.

A campanha «Um futuro mais humano» lançada pela Fundación MAPFRE é apoiada por um vídeo que se passa em um vagão de trem. Três gerações estão sentadas no mesmo vagão: uma menina, sua mãe e um homem idoso que carrega uma mala misteriosa de aparência envelhecida que imediatamente desperta o interesse da menina. Enquanto a mãe se retira para atender um telefonema, a menina e o idoso iniciam uma conversa baseada na inocente sinceridade e curiosidade da menina. «Que mala velha! O que tem dentro dela?».

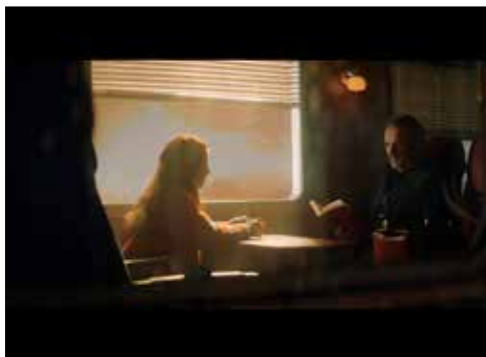
Somente uma criança poderia começar esse tipo de conversa. O olhar solidário e sem preconceitos da infância torna-se o veículo ideal para que o homem – a personificação da Fundación MAPFRE – demonstre que, na realidade, tudo o que é necessário para ajudar os demais cabe em uma mala: livros para compartilhar conhecimentos com quem quer aprender e não pode; as chaves das casas de todas

aquelas pessoas que se sentem sozinhas e precisam de alguém ao seu lado; uma tigela de sopa quente capaz de alimentar e confortar, preparada com um grande coração; uma enorme lista de contatos de pessoas dispostas a ajudar e se mobilizar para ajudar outras pessoas a encontrar um trabalho digno; um dicionário no qual não há a palavra «diferente», principalmente no que se refere a doenças; um espelho que tem o poder de fazer as pessoas com deficiência intelectual verem seu grande talento... E, no final, o mais importante: um fio vermelho que o homem amarra num dos dedos da menina para que ela nunca se esqueça que não há nada maior que ajudar os outros.

A Fundación MAPFRE passou quarenta e cinco anos viajando intensamente e carregando essa mala cheia de projetos pelos quais trabalha para que ninguém fique para trás. E ano após ano, seja em tempos de bonança ou de crise, reafirma o imenso poder que as pessoas têm quando se

unem para alcançar algo. Vimos isso, mais uma vez, no ano passado. A pandemia pode ter sido um acontecimento inédito e inesperado, mas todos e cada um dos projetos desenvolvidos para responder às situações geradas pelo COVID-19 se basearam na mesma premissa e nos mesmos valores que viram nossa fundação nascer em 1975: tolerância, confiança, coesão, cordialidade, solidariedade e entusiasmo.

Este sentimento de solidariedade é para a Fundación MAPFRE algo básico e inerente à sua forma de compreender as relações humanas: sem cooperação não há progresso e, se houvesse uma mínima possibilidade de avançar sem que as pessoas colaborassem entre si, não seria —em nenhum caso— o tipo de progresso que inspira e move os mais de 10.000 voluntários que trabalham nos mais de 900 projetos ativos atualmente. Todas as iniciativas em que colaboram são inspiradas por uma ideia de progresso



em que todo o mundo avança unido, com diferentes ritmos, capacidades e condições, mas todos juntos!

Ao coordenar o trabalho dos voluntários, o papel dos responsáveis da Fundación MAPFRE não é apenas guiar as pessoas, mas ajudar outras pessoas a ter sucesso e a otimizar seu potencial. A solidariedade não entende de hierarquias, nem o compromisso: trata-se mais de formar pessoas para que cada um, em determinado momento, possa oferecer o apoio e o suporte necessários. A Fundación MAPFRE empodera seus parceiros e beneficiários para que não hesitem em assumir a responsabilidade de cada projeto.

Os feedbacks e o incentivo são uma parte vital do desempenho

da equipe, especialmente quando compartilhamos uma direção comum e um forte senso de comunidade. A Fundación MAPFRE não poderia estar mais perto dessa visão: troca constantemente informações entre projetos, gestores, voluntários, beneficiários...

Analisa, aprende e melhora para que as equipes de voluntários se tornem cada vez mais responsáveis e conscientes do valor de suas ações. O feedback é necessário para o crescimento em todas as áreas de nossas vidas, especialmente quando compartilhamos um sentido comum e um forte senso de comunidade.

Em 2020, 978 projetos da Fundación MAPFRE chegaram a mais de 3 milhões de beneficiários

em mais de 30 países em todo o mundo. Quase mil trens em direção à melhores oportunidades de desenvolvimento pessoal e social. Para que não nenhum passageiro deste trem fique para trás, a Fundación MAPFRE fomenta a integração de grupos em risco de exclusão social, oferece apoio e suporte tanto às pessoas em situação mais desfavorecida como às suas famílias, apoia a educação como ferramenta de desenvolvimento e facilita a incorporação ao mundo laboral.

Todas as atividades de ação social são desenvolvidas em colaboração com instituições e entidades sem fins lucrativos. Estas entidades têm raízes profundas em seus distritos, localidades, cidades,





Este sentimento de solidariedade é para a Fundación MAPFRE algo básico e inerente à sua forma de compreender as relações humanas: sem cooperação não há progresso



comunidades ou países e ninguém melhor do que elas para detectar situações de necessidade sobre as quais intervir. Um bom exemplo é o da Fundação Grandes Amigos. Desde a sua criação em 1994, esta entidade atende mais de 850 idosos em solidão indesejada. Sua função é atender afetivamente essas pessoas, algo que a administração não pode fornecer, mas que os 875 voluntários que colaboram fazem muito bem, cuidando dos idosos e criando com eles uma relação de amizade e ajuda mútua. Seu papel durante os meses de confinamento nos piores momentos da pandemia foi fundamental para este grupo.

A presença da Fundación MAPFRE na América Latina é especialmente relevante.

A colaboração com o CESAL (Centro de Estudos e Solidariedade com a América Latina) exemplifica grande parte do trabalho que é feito com parceiros locais. Esta entidade centra a sua atividade nas zonas marginais das cidades onde se instalam muitas pessoas oriundas das áreas rurais: a desestruturação familiar, a falta de trabalho e a pobreza afetam muitas dessas famílias e, conseqüentemente, a qualidade de vida e a educação infantil também se veem afetadas. O objetivo é fomentar a educação das pessoas, principalmente crianças e jovens, pertencentes a essas comunidades carentes. A Fundación MAPFRE concebe a educação de forma integral, trabalhando em projetos

educacionais que apoiam, ao mesmo tempo, a nutrição, a saúde, a educação, o empoderamento das mulheres e a capacitação para o acesso ao mercado de trabalho.

Com a campanha «Um futuro mais humano», a Fundación MAPFRE quer colocar um fio vermelho em um de nossos dedos para que nunca nos esqueçamos que um dos sentimentos mais gratificantes que existe é ajudar os outros. Felizmente, em um ano tão complicado como 2020, em que o coronavírus interrompeu muitas atividades, eventos e programações, o desejo de colaborar de nossos voluntários aumentou, atingindo 17% mais beneficiários em relação ao ano anterior. A solidariedade e o compromisso se acentuam em tempos difíceis. ✕





## **Hugo Martínez Gutiérrez, Chefe de Grupo do Corpo de Bombeiros de San Blas, Madrid, e presidente da ONG Bomberos Ayudan** **«Acreditamos que a esperança ajuda a curar»**

TEXTO: CRISTINA BISBAL IMAGENS: BOMBEROS AYUDAN

O maior infortúnio que um pai pode imaginar foi um choque real para este bombeiro de 43 anos de idade e 14 de serviço. Depois de dois anos de esforços contínuos – inúmeras terapias e um antiviral muito poderoso – para fazer seu filho superar um citomegalovírus congênito, o menino faleceu quando tinha apenas dois anos, em um acidente em uma piscina. Esse drama virou de cabeça para baixo a vida de Hugo e, «depois da grande noite escura da Alma», como ele mesmo descreve aquela fase, ele e dois outros colegas, José Andrés Mora Molina e Antonio Poncela, resolveram se organizar para ajudar aos demais. «Pessoalmente, senti que ajudar sem esperar nada em troca era uma das missões da minha vida».



Por outro lado, devido ao seu trabalho, os três bombeiros perceberam que haviam situações econômicas realmente dramáticas em muitos lares e que podiam usar todo o potencial que têm como grupo para ajudar a sociedade. Assim nasceu a ‘Bomberos Ayudan’.

### **Em que consiste seu trabalho na ONG?**

Sou presidente de um conselho de administração, que é composto por outros três membros e que decide e organiza as ações da ONG. Mas também sou voluntário em atividades de arrecadação e entrega de alimentos, em visitas a hospitais e em outros projetos. Estou especialmente envolvido no projeto ‘Pequeños Guerreros’, que me motiva muito. Neste projeto apadrinhamos e mantemos um relacionamento contínuo com crianças doentes. Acreditamos que a esperança ajuda a curar. É algo que vimos em nossas visitas.

### **Como surgiu a ideia de ‘Pequeños Guerreros’?**

Por uma coincidência mágica, conhecemos Yago e sua família. Ele tinha um câncer raro que o manteve internado no Hospital 12 de Octubre por cinco anos em completo isolamento, sem sair do quarto. Segundo a mãe, ele ficava tão animado ao ouvir a sirene dos bombeiros que isso até começou a fazer parte de sua medicação. Por outro lado, recebemos um pedido de uma voluntária para que um bombeiro entregasse uma história a uma criança doente. Esse menino era Yago e o bombeiro era eu. Da nossa conexão nasceu este projeto.

No início íamos uma vez a cada hospital e nunca mais voltávamos, mas depois de 40 visitas, nos demos conta de que era uma pena não voltar a ver as crianças. Elas adoraram quando fomos vê-las! Uma mãe nos contou que aquela foi a primeira vez que seu filho ria em três semanas e isso nos fez pensar. Agora nós as visitamos uma vez por mês. É uma forma de nos mantermos presentes em suas vidas.

### **Você se lembra de um momento particularmente emocionante nestes anos em que esteve na associação?**

Quando Yago conseguiu se desconectar da máquina que lhe administrava químico 18 horas por dia, foi um momento de grande emoção e alegria para todos.

Por outro lado, todas as Cavalgadas de Reis em Madrid foram muito especiais e um presente para os bombeiros voluntários e não-bombeiros que deram seu máximo durante todo o ano.

### **Mas também deve ter havido alguns momentos ruins...**

Sem dúvida, quando pequenos guerreiros, como Smailer e Maria, faleceram, eles chegaram ao fundo de nossos corações. Eles certamente nos ajudam de onde quer que estejam.

### **‘Pequeños Guerreros’ não é seu único projeto...**

Também ajudamos outras associações e ONGs que têm dificuldade em ajudar terceiros. Verificamos que seu projeto é real e que apoiam direta e imediatamente os mais necessitados e oferecemos-lhes a ajuda que por

questões logísticas não conseguem realizar: falta de pessoal, veículos, campanhas de divulgação, formação...

### **Qual é a coisa mais gratificante, em geral, do que você faz na ONG?**

Sem dúvida, conhecer tantas pessoas que ajudam com todo o coração. A nível pessoal, sinto que, ao colaborar com a ONG, cada voluntário cura a sua criança interior, a abraça e cuida para fazer emergir todo o potencial humano que tem dentro, que temos dentro.

### **Quanto tempo por semana você dedica à essa atividade?**

Durante os primeiros três anos foram muitas horas, tanto físicas como mentais. Gastávamos cerca de 15 ou 20 horas por semana. Mas como tudo ia a nosso favor e sempre nos apoiaram, a energia não parava de chegar para continuar. Os quatro anos seguintes, já com experiência e mais voluntários, foram mais tranquilos.

### **É difícil conciliar trabalho, voluntariado e vida privada?**

Graças ao nosso horário, em que trabalhamos 24 horas seguidas, mas depois descansamos, conseguimos encontrar tempo para a organização. Passo mais tempo nela enquanto minha esposa está trabalhando e os filhos na escola. Mas sim, nestes sete anos houve momentos de saturação familiar devido à grande atividade da associação e ao meu envolvimento contínuo. Mas quando você se dedica com todo o coração ao seu filho, tudo dá certo. ✕

Desde 1968



Secreto  
boi  
14,95.

Alcatraz  
21,95.

Bife  
9,35.

# A batalha da carne: uma guerra de nuances

TEXTO: LAURA SÁNCHEZ IMAGENS: ISTOCK

Como já aconteceu com os produtos *light* ou as gorduras saturadas, o consumo de carne está agora em destaque no debate alimentar. A chave desta história está nas nuances: não há verdades absolutas e os tons de cinza predominam sobre o preto e o branco. Para que você possa entender este debate com as informações corretas, te contamos quais são as nuances adequadas.

Embora a polêmica sobre o consumo de carne pareça ter ressurgido nestes últimos meses, a verdade é que essa controvérsia teve início em 2015. Naquele ano, a OMS incluiu a carne vermelha entre os alimentos cujo consumo aumentava o risco de desenvolver câncer de intestino. Anteriormente, a OMS já havia alertado sobre o perigo das gorduras e do açúcar, com consequentes campanhas de conscientização. O anúncio de 2015 marcou o início da batalha sobre a carne.

Mas o que exatamente a OMS estava anunciando? Esse organismo recomendou a redução do consumo de carnes, principalmente carnes processadas e carnes vermelhas, por serem consideradas, respectivamente, cancerígena (grupo 1) e possivelmente cancerígena em humanos (grupo 2A) pela Agência Internacional de Pesquisa em Câncer (IARC), uma agência da OMS.

«No caso das carnes processadas, as evidências são

sólidas. No caso das carnes vermelhas, há certa controvérsia porque os resultados dos estudos epidemiológicos não são tão claros», explica Oscar Picazo, gerente de projetos da Área de Promoção da Saúde da Fundación MAPFRE-. «Sabe-se que durante o cozimento da carne são produzidas substâncias cancerígenas como os hidrocarbonetos aromáticos policíclicos, as aminas heterocíclicas, nitrosaminas ou acrilamidas. No entanto, os resultados dos estudos não são tão contundentes como no caso das carnes processadas. Além disso, os primeiros estudos realizados agruparam os dois tipos de carne na mesma classificação. O que aconteceu é que, quando foram feitas análises separadas, o efeito negativo manteve-se para as carnes processadas, mas o nível de risco foi menor para as carnes vermelhas».

Outro fator alimenta a polêmica. Oscar Picazo explica que os estudos epidemiológicos em que se

baseiam esses resultados também apresentam outros fatores que distorcem os resultados: «por exemplo, as pessoas que tendem a consumir mais carnes processadas ou vermelhas são aquelas que tendem a cuidar menos da saúde, que têm uma dieta pior, que bebem álcool, fumam, são sedentários, etc. Embora haja uma tentativa de controlar esses tipos de hábitos, nem sempre é possível separar esses efeitos nos resultados dos estudos».

Vamos então aos números concretos. Quanta carne é consumida na Espanha? Os últimos dados do Relatório de Consumo Alimentar, elaborado pelo Ministério da Agricultura, Pesca e Alimentação, indicam que, em 2020, os espanhóis aumentaram seu consumo de carne em 10,5%, atingindo 2.305,25 milhões de quilos. O consumo médio por pessoa durante 2020 foi de 49,86 quilos por ano, o que representa 4,62 quilos a mais que em 2019. A



carne in natura é a mais consumida, com um consumo per capita de 36,20 quilos por ano, 3,43 quilos a mais que no período anterior. O consumo per capita de carnes processadas equivale a um terço do das carnes in natura, com 12,39 quilos por ano, e o consumo de carnes congeladas totaliza apenas 1,28 quilos per capita.

A Agência Espanhola de Segurança Alimentar recomenda comer entre 200 e 500 gramas de carne por semana – a OMS aconselha não ultrapassar 500 gramas –, portanto, o consumo na Espanha está acima dessas recomendações. Não obstante, os dados de 2020 vêm acompanhados de outro fato importante: a permanência em casa devido à pandemia levou a um aumento no consumo de

carne em 2020, rompendo a tendência de queda que vinha ocorrendo desde 2012.

Os dados indicam claramente a necessidade de reduzir o consumo para que os valores fiquem dentro das recomendações oficiais. Mas outra coisa bem diferente é reduzir o consumo devido à um possível malefício à saúde, como alguns setores têm afirmado. «Isso não é certo. Na verdade, a contribuição nutricional da carne é importante, principalmente em certas etapas da vida, durante o desenvolvimento de crianças e adolescentes, por exemplo», explica Oscar Picazo. «Na área da nutrição, o contexto é importante e, em uma dieta saudável do tipo mediterrânea, rica em vegetais, a contribuição nutricional de carnes de qualidade é positiva. É paradoxal, mas, por

exemplo, batatas fritas ou assados à base de cereais (bolos, pão, etc.) também foram classificados como possivelmente cancerígenos em humanos (2A) devido à acrilamida, no entanto, ninguém diz que as batatas ou o pão fazem mal à saúde. Novamente aparecem fatores que devem ser avaliados caso a caso como, por exemplo, o contexto alimentar, como o alimento é cozido ou consumido, com que frequência é ingerido, quais outros alimentos estão presentes na dieta...».

Mais além da alimentação, há outros aspectos neste debate que também estão abertos a diferentes interpretações e, portanto, merecem esclarecimentos. Por exemplo, existe uma afirmação muito difundida de que são necessários 15.000 litros de água para produzir um quilo de carne. O setor de carnes esclarece que 90% da água utilizada na produção é «água verde», ou seja, água da chuva que, se os animais desaparecessem, continuaria caindo da mesma forma. Também afirma que apenas 10% corresponde a «água azul» ou «água cinza», que as emissões de CO<sub>2</sub> são menores do que em muitos plantios e que a produção de carne representa apenas 7,8% do total de emissões de gases do efeito estufa na Espanha.

«Os modelos de cálculo da pegada ecológica alimentar são muito complexos, e dentro do impacto ambiental não se deve ter em conta somente a pegada hídrica ou de gases do efeito estufa,

mas também outros parâmetros como uso do solo, efeito sobre a biodiversidade, contaminação do solo, água e ar, gasto energético, etc.», explica Picazo. «Há muito trabalho a ser feito para melhorar os modelos de produção, mas considerar que passar à população a mensagem de que comer menos carne salvará o planeta é, na melhor das hipóteses, um pouco simplista».

A ética e a economia tampouco escapam dessa polêmica. Em relação à ética, é claro que é fundamental melhorar o tratamento dado aos animais e eliminar a crueldade ao longo do processo. Os ativistas que defendem os direitos dos animais promovem, portanto, a adoção de uma dieta vegana.

Do ponto de vista econômico, alguns setores, especialmente aqueles relacionados à indústria de alimentos, estão promovendo a produção de carne sintética. A carne artificial é produzida em laboratórios a partir de células-tronco extraídas dos músculos dos animais (vaca, frango ou porco), junto com outros elementos, como soro fetal bovino, mioglobina, vitaminas, aminoácidos, gordura e tecido conjuntivo. A apresentação dessa nova forma de produção aconteceu em 2012, em Londres, quando apresentou-se ao público o primeiro hambúrguer feito em laboratório. A Fundação Bill e Melinda Gates apoia esse tipo de produção, que ainda levanta muitas questões e gera debates acalorados. Outros grupos, como a comissão Eat-right ou o próprio Fórum Econômico Mundial,



estão promovendo abertamente o veganismo, enquanto outras vezes os criticam.

Este é o caso do professor Frédéric Leroy, professor de ciência de alimentos e biotecnologia da Vrije Universiteit (Bélgica), que lidera uma corrente de opinião que considera que, atualmente, a carne é uma espécie de bode expiatório dos defensores do meio ambiente e do comércio. Leroy acredita que esses grupos baseiam muitas de suas conclusões em uma ciência falha. «A carne vermelha é um alimento rico em nutrientes e um componente-chave de nossas dietas evolutivas. A carne vermelha é consumida desde os primórdios da humanidade, às vezes em quantidades ingentes. Há um milhão e meio de anos, nos adaptamos tanto anatômica quanto

fisiologicamente a comer carne, e não poderíamos ter sobrevivido sem ela», escreve Leroy. «Há estudos que mostram que o consumo de carne está associado a uma menor taxa de mortalidade e menos doenças cardíacas. O consumo de carne vermelha no contexto de ensaios clínicos randomizados não leva a um pior perfil de risco de inflamação, estresse oxidativo ou doenças cardíacas».

Em suma, como explica Oscar Picazo, no debate da carne muitas vezes nos deparamos com premissas que são vendidas como verdades absolutas, «tanto em termos de saúde como de meio ambiente. Mas, neste caso, nada é preto ou branco. No debate sobre a carne, há muitas nuances a serem abordadas». ❌





# *Do infinito ao zero.* **Assim o fizemos: presente e futuro dos sinistros viários na Espanha**

TEXTO: CRISTINA BISBAL IMAGENS: ISTOCK, FUNDACIÓN MAPFRE

Em 1989, mais de 9.000 pessoas perderam a vida em sinistros de trânsito na Espanha. Desde então e até agora, o número diminuiu em mais de 80%. É por isso que somos uma referência na Europa; e é por isso que temos uma responsabilidade, sobretudo, nos países da América Latina. Apesar de todos os esforços, mais de um milhão de fatalidades ocorrem anualmente em todo o mundo. E cada vítima é um fracasso que deve nos levar a buscar o Objetivo Zero.

Nas últimas três décadas, o número de mortes por sinistros de trânsito na Espanha foi reduzido em praticamente 80%. Desde o fatídico 1989, ano em que um infeliz recorde foi quebrado, as coisas mudaram muito. As leis mudaram, as estradas melhoraram, a rede ferroviária AVE foi criada e ampliada, substituímos palavras como acidente por sinistro... Mas, acima de tudo, a consciência dos cidadãos mudou. Jesús Monclús, diretor da Área de Prevenção e Segurança Viária da Fundación MAPFRE, traduz todas essas mudanças em um número: 150.000 vítimas salvas nestes mais de 30 anos. Apesar disso, a cada ano, mais de 1.300.000 pessoas

morrem devido a sinistros de trânsito em todo o mundo. Um número que não pode deixar de nos fazer estremecer e contra o qual ainda há muito o que fazer.



Capa do livro *Do infinito ao zero. Assim o fizemos*, editado pela Fundación MAPFRE e pela DGT.

Isso foi revelado na apresentação do livro *Do Infinito ao Zero. Assim o fizemos*, coeditado por Pere Navarro, diretor-geral da Direção Geral de Trânsito (DGT) da Espanha, e pelo próprio Monclús. Este volume faz um balanço dos 25 anos desde a criação do Instituto MAPFRE de Segurança Viária, «uma entidade chave nesta área em nosso país», como afirma Antonio Huertas, Presidente da MAPFRE e da Fundación MAPFRE. Mas essas afirmações são feitas a partir de um ponto de vista reflexivo. Para isso, contou-se com a colaboração de nada menos que 50 especialistas em segurança viária que, nas palavras de Fernando Grande Marlaska, Ministro do Interior da Espanha, «são protagonistas e testemunhas

«Nos tornamos uma referência para toda a Europa. Fizemos uma revolução silenciosa, sem ter consciência disso. Na redução das mortes por sinistros de trânsito em toda a Europa, entre 2001 e 2020, a Espanha está em primeiro lugar», Pere Navarro

em primeira mão deste processo que começou há décadas e que ainda não terminou. Só terminará quando conseguirmos atingir a meta de zero mortes e feridos graves em sinistros de trânsito. É um olhar reflexivo que fornece elementos úteis para enfrentar o futuro».

Com efeito, ainda há muito a ser feito. Especificamente em nosso país, devemos avançar em direção

talvez até comparável em um nível agregado devido à sua frequência muito alta». Afinal, quem é que nunca atravessou um semáforo vermelho como pedestre ou ultrapassou, pelo menos minimamente, a velocidade máxima na cidade?

Essas pequenas infrações e, acima de tudo, a tolerância social que possuem, deveriam acabar. Para isso, é necessário aplicar várias soluções. Uma delas é a

Interior. Muito mais pode e deve ser feito. São vários os coautores do livro que apoiam, por exemplo, que a DGT se torne uma Secretaria de Estado com maior capacidade de gerar sinergias entre o Ministério do Interior, dos Transportes, da Mobilidade e Agenda Urbana, da Saúde e da Educação.

Apesar de tudo que ainda há por fazer, o nosso papel a nível internacional deve ser reconhecido. A introdução do sistema de pontos, a reforma do Código Penal, a limitação de velocidade tanto nas vias secundárias como nas áreas urbanas, todas essas ações conseguiram uma redução muito significativa no número de mortos e feridos graves. Fernando Grande Marlaska conta no prefácio do livro: «No contexto europeu, em 2019, a Espanha tinha uma taxa de mortalidade de 37 óbitos por milhão de habitantes, inferior à média europeia, que era de 51 óbitos por milhão de habitantes. Em 2020, um ano marcado pela pandemia de COVID-19, pela primeira vez registramos menos de 1.000 mortes na estrada».

E é assim que somos reconhecidos fora das fronteiras espanholas, como Pere Navarro relembra na apresentação do livro: «Nos tornamos uma referência para toda a Europa. Fizemos uma revolução silenciosa, sem ter consciência disso. Na redução das mortes por sinistros de trânsito em toda a Europa, entre 2001 e 2020, a Espanha está em primeiro lugar. E o resto do continente nos inveja por isso. Eles invejam o ativismo, o compromisso e a presença de



ao Objetivo Zero. É o que Jesús Monclús descreve no livro como «o mais difícil, mas maravilhoso»; no que devemos «trabalhar e suar». Refere-se a diversas leis, ações no âmbito das novas tecnologias, planos e estratégias já propostos, mas pendentes de conclusão. Mas também se refere ao aprimoramento da cultura viária e ao respeito às normas de trânsito. Especificamente àqueles «pequenos excessos diários de velocidade: de menor risco, é claro, que os grandes excessos, mas

educação do motorista. Tema no qual a Fundación MAPFRE tem plena propriedade de fala, uma vez que esta tem sido e continua sendo uma de suas atividades principais, evidenciado pelos últimos 12 anos, nos quais quase três milhões de crianças foram beneficiadas pelos cursos ministrados pela entidade. «É essencial que, desde a infância, sejamos ensinados que existem certos deveres, regras e uma responsabilidade para com terceiros», afirma o Ministro do

nossas associações de vítimas. A polícia rodoviária que temos. A nossa organização administrativa, essencial em qualquer política pública, personalizada na DGT. Na Europa, também invejam a nossa sociedade civil e como ela se envolve na segurança viária. E o consenso político que a rodeia: não é nem de direita nem de esquerda, está acima das ideologias e das *rixas* de cada momento».

Diante desta situação de certo privilégio, a Espanha tem uma responsabilidade sobre aqueles que não se encontram neste mesmo cenário. Mais especificamente a América Latina, onde, como disse Antonio Huertas na apresentação do livro, «a segurança viária é uma questão pendente». Jeanne Picard, presidenta da Federação Ibero-americana de Associações de Vítimas contra a Violência Viária (FICVI) e co-fundadora do STOP Acidentes, também destaca: «Na maior parte dos países da América Latina, os direitos humanos são violados diariamente». Aliás, a taxa de sinistros viários continua aumentando nesta região. As associações que integram a FICVI estão cientes disso e, por isso, se dedicam a mobilizar todos os atores sociais para promover mudanças nas políticas públicas, modificar leis e abrir espaços de responsabilidade compartilhada.

A DGT também tem feito esforços significativos para levar à América Latina os modelos de sucesso de nosso país. Mas até agora, apenas duas agências de segurança viária —Argentina e Colômbia— contam com orçamentos independentes. Por sua vez, a

sociedade civil mexicana luta há dois anos para que o Governo Federal aprove uma lei de Segurança Viária, já que o país ainda não possui regulamentos nesta temática. E o Chile está perto de aprovar o projeto CATI (Centro Automatizado de Tratamiento de Infrações), que segue o modelo espanhol de instalação de radares com sanção automática. «Isso mostra que as mudanças são muito lentas e que ainda não há

livro representa uma esperança, um caminho percorrido. É a história de tudo que conquistamos, mas também a dos nossos entes queridos que já se foram e cuja memória nos lembra que somos muito frágeis, que em um segundo se perde a vida em sinistros de trânsito que podem ser evitados», concluiu a presidenta da FICVI. Talvez seja necessária mais consciência social e política para isso. Jesús Monclús fez uma



vontade política ou consciência a nível nacional para prevenir a violência no trânsito», afirma Picard em sua reflexão. Para apoiar e fomentar a prevenção, a publicação está sendo enviada aos responsáveis pelos órgãos de segurança viária de todos os países da América Latina, inclusive o Brasil.

Tudo isso mostra que a segurança viária é um capítulo que ainda não pode ser dado como encerrado. Ainda há muito a ser feito, embora a própria Picard entenda que «este

reflexão a este respeito: «Em todo o mundo, as colisões são a principal causa de morte de crianças e jovens entre 5 e 29 anos, segundo dados da OMS. Como podemos tolerar isso?» E continua: «Se não nos convenceremos de que as mortes por sinistros de trânsito são evitáveis, que temos conhecimentos e meios para evitá-las, e que o Objetivo Zero é alcançável a médio prazo se unirmos esforços, ações e recursos suficientes, estaremos condenando muitas pessoas». ❌



Fundación  
**MAPFRE**

Fundación  
**MAPFRE**

CENTRO  
Y BICICLETAS

Fundación

# 25 anos salvando vidas

TEXTO: ÁNGEL MARTOS IMAGENS: FUNDACIÓN MAPFRE

A luta contra a sinistralidade viária tem várias frentes: educação em segurança viária, pesquisa de melhorias técnicas em infraestruturas e veículos e promoção de novas medidas de prevenção. Em todas elas, a Fundación MAPFRE tem sido protagonista por meio do Instituto MAPFRE de Segurança Viária, hoje Fundación MAPFRE, que completa 25 anos.

Foi o ano em que Barcelona cedeu o testemunho olímpico à cidade americana de Atlanta. O ano em que nasceu a ovelha clonada Dolly e em que Lady Di se divorciou do príncipe Charles. Naquele ano, o mito do xadrez Garry Kasparov foi derrotado pelo supercomputador Deep Blue da IBM. Era 1996 e na Espanha 5.635 pessoas morreram em sinistros de trânsito (4.276 homens e 1.359 mulheres). O número, embora apavorante, supunha então uma queda esperançosa em relação ao pico de mortes ocorrido em 1989, com 9.344 mortos, aos quais se somam os feridos (hospitalizados ou não). Juntos, eles desenhavam uma marca de mais de 170.000 afetados. Naquela época, quando falávamos em uma pandemia, a imaginação não se dirigia a nenhum coronavírus, mas a um Renault 4 rugindo na estrada.

Já havíamos passado a nossa primeira década na União Europeia (antes Comunidade Europeia) e as grandes melhorias nas infraestruturas de transportes e

rodovias (começamos com 483 quilômetros de autoestradas; hoje são mais de 15.000) fizeram milagre com a ajuda da renovação da frota móvel e da obrigatoriedade dos sistemas de segurança (o cinto, a cadeirinha, o capacete ...). A Espanha ia deixar de ser o farol vermelho da Europa em sinistros viários e foi anunciada como esse exemplo para o mundo que é hoje.

O sucesso de uma sociedade só poderia ser liderado por heróis coletivos. E se no setor público foi fundamental a conscientização política, realizada através da Direção Geral de Trânsito da Espanha (DGT), no setor privado foi a MAPFRE que deu um passo adiante com a criação, em 1996, do Instituto MAPFRE

A FUNDACIÓN MAPFRE

INVESTIU CERCA DE

**125**

MILHÕES DE EUROS

EM SEGURANÇA VIÁRIA

de Segurança Viária (agora Fundación MAPFRE), há 25 anos.

Assim recorda Miguel María Muñoz Medina, que esteve à frente da DGT durante aqueles anos fundamentais (1988-96) e que posteriormente presidiu o Instituto (até ao final de 2009). «Sempre pensei que o único setor cujos interesses de negócio coincidem com a melhoria da segurança viária é o segurador. O setor como tal não vestiu a camisa de imediato e, assim, no outono de 1995, contatei o então presidente da MAPFRE, Julio Castelo, para propor a criação de um programa ou estrutura permanente dentro da Fundação em segurança viária», escreve Muñoz Medina em seu artigo no livro coletivo *Do infinito ao zero. Assim o fizemos*, editado pela Fundación MAPFRE e pela DGT. «A ideia foi recebida com entusiasmo».

## Uma receita inovadora

O Instituto não nasceu do nada. Ao longo da década de 1980, a MAPFRE foi

construindo uma estrutura de pesquisa em segurança viária «em resposta ao significativo desenvolvimento alcançado pelo seguro automóvel e com o desejo de oferecer, tanto aos mutualistas como à sociedade em geral, outros serviços de carácter institucional que transcendesse o mero pagamento de indenizações», escreve Ignacio Larramendi, presidente da seguradora e criador da

psicológicas e social e outra de educação rodoviária. Por isso, Larramendi também destacou estudos como o realizado sobre a sinalização noturna em rotatórias ou sobre a influência de drogas e cafeína na direção. A receita inovadora acabaria saindo do forno em 1996 na forma de um Instituto, hoje a Fundación MAPFRE.

«Naquela época, falar de conscientização sobre

impulsionou nossa criação e posterior desenvolvimento». De fato: reduzir os incidentes com vítimas decorrentes do trânsito de veículos, até mesmo a zero, sempre foi o objetivo. Antonio Huertas, presidente da Fundación MAPFRE, destacou isso em seu preâmbulo no livro *Do Infinito ao Zero. Assim o fizemos*: «Precisamos fazer mais e melhor nos próximos anos para alcançar o Objetivo Zero vítimas graves e fatais nas cidades até 2030 e nas zonas rurais até 2050, conforme proposto pela Fundación MAPFRE em 2015». A chave é a prevenção, por meio de ações que influenciam os três pilares fundamentais da segurança viária: as pessoas, a infraestrutura e o veículo.

### O Instituto em números

Ao longo destes 25 anos, a Fundación MAPFRE investiu cerca de 125 milhões de euros em segurança viária, um valor que fala por si só da relevância de um compromisso que, aliás, não permanece só na Espanha, mas também se estende a outros 23 países, principalmente América Latina, Brasil, Portugal, Turquia e Malta. Como reconhece Angela Sordo, responsável pelos Projetos Internacionais de Segurança Viária da Fundación MAPFRE, inicialmente a Espanha exportava conhecimentos e projetos, mas agora é uma viagem de ida e volta e «há ótimos programas em alguns países que contribuem muito



Fundación MAPFRE em 1975. Em seu livro *Assim se fez a MAPFRE. Meu tempo* (2000), relata a criação dos primeiros centros de experimentação e segurança viária, que chegaram a alcançar relevância internacional. Juntamente com as pesquisas mais técnicas em sinistros e infraestruturas foram acrescentadas pesquisas

a segurança viária era uma questão minoritária», lembra Antonio García Infanzón, membro da equipe fundadora do Instituto. «Dava a impressão de que os números derivados dos sinistros de trânsito eram assumidos pela sociedade... O compromisso da MAPFRE com a prevenção foi, sem dúvida, um estopim que

O compromisso com a segurança viária não permanece só na Espanha, mas também se estende a outros 23 países, principalmente América Latina, Brasil, Portugal, Turquia e Malta

**O único setor  
cujos interesses de  
negócio coincidem  
com a melhoria da  
segurança viária  
é o segurador**



Filomeno Mira, então presidente da área, recebeu em 2010 a Medalha de Mérito pela Segurança Viária do Ministro do Interior espanhol

para nós». A dificuldade deste enorme trabalho internacional reside nas diferentes realidades que podemos encontrar em cada sociedade. «Álcool, limites de velocidade, normas de uso de sistemas de retenção infantil não são iguais para todos os países, embora eu acredite que aos poucos irão se homogeneizando», diz Sordo. E a título de exemplo, fala da recente campanha #love30 realizada em conjunto com o Comitê de Segurança Viária das Nações Unidas, «com a qual procuramos sensibilizar para que numa via de mão única não deveríamos ir a mais de 30 km/h».

Falar em colaborações com a ONU, com a Organização Mundial de Saúde (OMS), com a Comissão Europeia e sua área de

Segurança Viária e Mobilidade Sustentável ou com a Câmara de Deputados da Espanha já é algo comum na Área de Prevenção e Segurança Viária da Fundación MAPFRE, o que reflete sua relevância internacional e a intensidade do contato com esta rede de instituições. Muito desse prestígio se baseia na capacidade de gerar conhecimento. Há 25 anos, «era muito fácil promover a análise de qualquer problema relacionado à segurança viária, pois o problema era enorme e as iniciativas muito escassas», lembra Antonio García Infanzón. Até hoje o campo de estudo ainda é vasto, mas o horizonte é mais claro graças aos cerca de 125 documentos e pesquisas publicadas pela Fundación MAPFRE, incluindo estudos

próprios, manuais e guias, dossiês e traduções, muitos deles em colaboração com organizações respeitadas.

«Destaco o nosso estudo de segurança dos patinetes elétricos para este mesmo ano de 2021, elaborado em conjunto com a CESVIMAP», afirma Jesús Monclús, chefe da Área de Prevenção e Segurança Viária da Fundación MAPFRE desde 2014, «porque estamos certos de que tem sido fundamental para a mudança legislativa que está para acontecer». Outros estudos, como o que se dedica ao uso do cinto de segurança em ônibus, «algo que nunca tinha sido feito na Espanha e que surgiu depois da tragédia de Tarragona em 2016», foi citado em diversas ocasiões pela própria Comissão



Europeia em documentos de trabalho oficiais. Ou o Manual de Segurança Viária em Áreas Industriais, de 2002, totalmente inovador na época.

Nos últimos 12 anos, a Fundación MAPFRE capacitou cerca de 3 milhões de crianças em todo o mundo em segurança viária. Só em 2019, antes da pandemia do coronavírus, foram realizadas milhares de ações educativas voltadas para crianças e jovens, mas também para profissionais e adultos em geral. Uma atividade que não parou mesmo sob os diferentes confinamentos ao redor do mundo por causa da emergência do coronavírus. Como o Programa Educacional no Peru «onde, em meio a uma pandemia, oficinas de segurança viária chegaram a

quase todas as casas por meio da televisão e em colaboração com o Ministério da Educação do país», explica Sordo.

### Os reconhecimentos pela causa

Que um projeto coletivo de tal relevância comemore seus 25 anos parece um presente suficiente. Mas também é hora de pegar a lista de homenagens e fazer brilhar essas medalhas merecidas. Alguns dos mais destacados reconhecimentos recebidos pelo Instituto nos últimos anos são os prêmios da Carta Europeia para a Segurança Viária, organizada pela Comissão Europeia; também o prêmio da organização internacional Safekids e o prestigioso Prêmio Prince Michael. E, claro, as três

Medalhas de Mérito de Segurança Viária outorgadas pelo Governo, a primeira delas obtida pelo Instituto MAPFRE de Segurança Viária e as outras duas a dois de seus diretores (Julio Laria e Jesús Monclús).

Quantas vidas foram salvas graças a esta ação fundamental?, perguntamos a Monclús. «Vou responder de forma mais generalista, que é a forma correta de responder a questões complexas», defende. «O que sabemos é que desde 1989, ano em que se atingiu o maior número de mortes na Espanha, as mortes por sinistros de trânsito na Espanha foram reduzidas em 80%, o que equivale a mais de 150.000 vidas salvas graças a melhorias na segurança viária. E, sendo um dos protagonistas desse período e desde sua criação em 1996, a contribuição do Instituto MAPFRE de Segurança Viária para esse “milagre viário” é indiscutível. Embora a dor permaneça por todas as vidas que não pudemos salvar...». «Podemos dizer sem exagero que fazemos parte da história da segurança viária na Espanha, assim como na América Latina», defende Antonio Huertas: «Quase poderíamos dizer que a Fundación MAPFRE é, por si só, uma importante medida de segurança viária».

Nesse sentido, «a Espanha precisa revitalizar sua política de segurança viária nos próximos anos», destacam Monclús e Pere Navarro, chefe da DGT, na



introdução do livro *Do infinito ao zero. Assim o fizemos*, «para lutar contra o que se convencionou chamar de esgotamento (outros veem como falta de investimento) de certas medidas de segurança viária. Em todo caso, para lutar contra os números da sinistralidade, e da dor humana que representam, que não melhoraram nos últimos anos,

e patinetes elétricos) à chegada do carro elétrico e seu culminar com a condução autônoma por inteligência artificial. Mas, como recomenda Jesús Monclús, «não devemos nos deixar deslumbrar pela tecnologia e devemos continuar a insistir na educação, na sensibilização e na promoção da empatia entre todos os tipos de usuários das estradas e, cada

mas que no mundo como um todo, quando as mortes na estrada ainda ultrapassam um milhão (1,35 milhão em 2019 segundo a Organização Mundial de Saúde), parece mais difícil de concretizar. «Não são “acidentes”, não são eventos “acidentais”, no sentido de que não são previsíveis ou evitáveis. As lesões no trânsito

**Nos últimos 12 anos, a Fundación MAPFRE capacitou cerca de 3 milhões de crianças em todo o mundo em segurança viária**



como melhoraram, por exemplo, nos anos 2010».

A mobilidade sustentável, no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável promovidos pelas Nações Unidas, pode fazer parte desse impulso. As ruas de nossas cidades e os usos que fazemos delas estão mudando em um ritmo gigante. Do aumento da pedestrianização e da presença crescente de veículos novos/velhos (bicicletas

vez mais, com a nossa mãe terra».

Em mais 25 anos, no ano de 2046, senão antes, «já teremos alcançado o Objetivo Zero de vítimas graves e fatais no trânsito», prevê Monclús, seja graças à futura direção autônoma, às novas medidas de segurança que irão chegando ou ao compromisso de toda a sociedade. Uma visão que parece acessível para Espanha,

respondem a fatores de risco, ou, em alguns casos, a evidente imprudência, conhecida e para a qual dispomos de medidas preventivas muito eficazes. Basta implantá-las em toda a rede, em todos os veículos e levar educação, conscientização e formação viária a todos os usuários das vias e ao longo de suas vidas». A Fundación MAPFRE continuará nessa tarefa. ❌



# Educação financeira para uma sociedade mais preparada

TEXTO: RAMÓN OLIVER IMAGENS: ISTOCK

Há mais de 30 anos, a Fundación MAPFRE trabalha intensamente para difundir, divulgar e educar em finanças e seguros diversos coletivos, com atenção especial aos mais jovens. Nosso objetivo é tornar os cidadãos mais preparados e capazes de tomar boas decisões financeiras no futuro.

«Inflação», «prêmio», «diversificação de risco»... se você não entende alguns desses termos, você está entre os cerca de 50% dos espanhóis que, segundo dados do Banco de España e da Comisión Nacional del Mercado de Valores (CNMV) possuem sérias carências em termos de cultura financeira.

A Educação Financeira é, historicamente, uma das grandes matérias pendentes de nosso país. Um obstáculo mais sério do que se imagina, já que afeta a segurança das pessoas e seu futuro. Porque apenas cidadãos informados e minimamente formados nos mecanismos cada vez mais complexos que regem os produtos e serviços financeiros são capazes de ter critérios para tomar decisões sobre como administrar seu dinheiro e garantir seu futuro.

A partir de diferentes instâncias, trabalha-se para superar essa lacuna de

conhecimento que, por diversos motivos, continua afligindo a sociedade espanhola. Isso também abrange a área de seguros, onde a Fundación MAPFRE desenvolve uma intensa atividade com o objetivo de melhorar a percepção social do seguro por meio do conhecimento da cultura seguradora, seus princípios e fundamentos. E, como ressaltam desde a Fundación MAPFRE, «para os cidadãos de qualquer país, é muito importante dispor de certas informações sobre os seguros, já que esta é a melhor garantia de cobertura contra os riscos presentes em uma sociedade moderna».

Apesar de existir há muitos anos e de ser muito difícil encontrar uma única pessoa que não usufrua da cobertura de algum tipo de seguro, este produto financeiro é um grande desconhecido para a grande maioria dos cidadãos. Uma

compreensão adequada de seu funcionamento, benefícios, capacidades e limitações, bem como dos termos básicos que servem para articulá-los – o que é uma «apólice», um «prêmio», um «sinistro»; quem é o «tomador» e quem é o «beneficiário», quais são as «coberturas e garantias» de cada tipo de seguro, etc. – é um fator chave para fornecer segurança e reduzir os níveis de incerteza na vida das pessoas. Por isso, é muito importante começar esta educação financeira e de seguros desde cedo.

A Fundación MAPFRE desenvolve uma intensa atividade de educação financeira e de seguros por meio de diversas atividades, tanto na Espanha como na América Latina. «Podemos dividir nosso programa em dois grandes blocos: um educativo, voltado à alunos, e outro informativo, voltado à sociedade em geral.

Desenvolvemos conteúdos e recursos adaptados a cada tipo de público e também aos meios onde serão disponibilizados. Assim, a título de exemplo, temos cursos presenciais e online, desenvolvemos publicações que podem ser consultadas gratuitamente em nosso Centro de Documentação; e também apresentamos relatórios em conferências que atualmente são principalmente virtuais, mas que esperamos poder voltar realizar pessoalmente em breve», resume Adrián Gutiérrez de la Dehesa, Chefe de Atividades Fundacionais da Fundación MAPFRE.

Quanto ao público a que se dirigem esses programas, é muito amplo. «Temos recursos voltados à sociedade em geral, mas no programa educativo focamos principalmente nos alunos de cursos técnicos e de Formação Profissional, tanto na

Espanha como em outros países, como México e Brasil, e também estudantes universitários. Já os recursos digitais para a sociedade estão voltados para um público com idades entre 25 e 55 anos», afirma Gutiérrez de la Dehesa.

### Seguro e Pensões para Todos

A grande aposta da Fundación MAPFRE em matéria de educação seguradora é Seguros y Pensiones para Todos, um site que contém inúmeros programas, materiais e recursos informativos sobre o mundo dos seguros. Desde o seu lançamento em 2012, o site recebeu mais de três milhões de visitas.

Através de formatos atrativos e diversos como artigos, infográficos, animações, jogos e até mesmo um glossário que inclui os 285 termos mais frequentes da terminologia de seguros, são disponibilizadas aos

cidadãos informações básicas sobre o funcionamento do seguro, da previdência social e da cultura de poupança.

O programa também inclui programas educacionais sobre estes mesmos temas, adaptados a cada tipo de público (estudantes, educadores, público em geral, etc.), bem como uma seção de dimensão prática em que aspectos específicos relacionados ao universo dos seguros são explicados passo a passo, desde como contratar um seguro até como agir em caso de sinistro.

Todos os materiais e programas são gratuitos e elaborados com uma linguagem clara, simples e rigorosa, onde prevalece a praticidade. Atualmente o site conta com 15 cursos básicos e 4 cursos introdutórios sobre seguros e previdência social complementar, estes últimos disponíveis em espanhol, inglês e português. Até o momento, mais de 5.000 pessoas já passaram por suas salas de aula virtuais.

Em outra de suas seções, o site inclui uma série de guias monográficos informativos que fornecem informações atuais e compreensíveis sobre diversos aspectos relacionados aos riscos pessoais, familiares e de pequenas e médias empresas. Cada um desses guias aborda um aspecto específico e fornece informações práticas sobre questões como aposentadoria, seguro automóvel, seguro saúde, proteção de trabalhadores autônomos e PMEs, riscos cibernéticos, etc.



### Outras iniciativas

A Fundación MAPFRE participa, como organizadora e também como entidade convidada, de muitas outras iniciativas destinadas a melhorar o nível de conhecimento financeiro e de seguros das pessoas. Entre elas, vale citar o PlayPension e o Finexit, dois workshops de educação financeira voltados para alunos maiores de 16 anos, e a participação no Dia da Educação Financeira (primeira segunda-feira de outubro), iniciativa promovida pela Comisión Nacional del Mercado de Valores (CNMV) e pelo Banco de España.

Para a Fundación, os conteúdos de educação financeira que oferece são tão importantes quanto a forma de transferi-los ao seu público-alvo. E acontece que, muitas vezes, este tema é desconhecido para muitos e até mesmo um tanto árduo; portanto, é melhor entregue através de meios criativos e atraentes para seus destinatários. Por isso, seus responsáveis têm especial interesse em incorporar as mais inovadoras técnicas de ensino em seus projetos de educação financeira.

Especificamente, duas de suas iniciativas mais recentes usam gamificação para alcançar uma maior imersão e conexão emocional com o participante. Por um lado, o bugaMAP é um jogo de simulação empresarial aplicado ao mercado segurador dirigido a estudantes universitários. Trabalhando em grupos de 20 a 35 alunos, os participantes



devem aplicar suas habilidades estratégicas e de tomada de decisão para competir em um ambiente que simula o de uma seguradora real.

Já o FINEXIT é uma proposta original que utiliza o popular formato de «escape room» para desafiar os alunos de cursos técnicos e formação profissional a resolverem um desafio utilizando de sua engenhosidade e conhecimentos financeiros. A iniciativa está disponível nas versões presencial e virtual e deve ser estendida a países como México e Brasil até o final deste ano.

### Também na América Latina

Este trabalho informativo em matéria financeira e de seguros também se estendeu à América Latina. No México, por exemplo,

desde 2015, contamos com um espaço próprio na Sala de Finanças no Museu Interativo de Economía do México (MIDE). Este espaço, denominado Patrimônio, Riscos e Seguros, foi pensado para que crianças, jovens e adultos descubram o valor do seguro e promovam entre si a educação seguradora. A colaboração com o MIDE também permitiu que este Museu fosse o cenário para uma experiência educacional e de extensão de grande sucesso, na qual já participaram mais de 2.800 pessoas. Trata-se de workshops de 90 minutos nos quais os participantes são convidados a descobrir por si próprios a importância dos seguros como instrumento de proteção das finanças pessoais diante de um imprevisto. ✕





# Como empreender depois dos 50

TEXTO: ISABEL PRESTEL IMAGENS: ISTOCK

Embora muitas vezes se pense que os empreendedores são pessoas jovens com vontade de conquistar o mundo, existe um amplo setor da sociedade com mais de 50 anos que, por necessidade ou por prazer, deseja conjugar o verbo empreender. Para todos eles, a Fundación MAPFRE publicou um guia prático que indica como fazê-lo.

Em março passado, a Organização das Nações Unidas (ONU) publicou um relatório completo sobre o idadismo, ou seja, a discriminação por idade, no qual foi descrito como «uma desgraça furtiva, mas devastadora para a sociedade». Especificamente, entre os idosos, de acordo com este estudo, «o idadismo está associado a pior saúde física e mental, maior isolamento social e solidão, maior insegurança financeira, menor qualidade de vida e maiores taxas de morte prematura».

Com efeito, a nível econômico é uma «pandemia» muito cara que afeta todos os países do primeiro mundo em maior ou menor grau. Um estudo de 2020 mostrou que, nos Estados Unidos, o idadismo na forma de estereótipos negativos e da imagem desfavorável supõe um excesso anual de gastos de 63 bilhões de dólares em saúde. E este assunto não parece estar melhorando. A ONG americana AARP, cujo objetivo é atender às necessidades e interesses dos maiores de 50 anos, ressaltou

em abril de 2020 que a taxa de desemprego entre pessoas com mais de 54 anos disparou para 13,6%, segundo relatório do Bureau of Labor Statistics (BLS) dos Estados Unidos.

Na Espanha, estamos na mesma linha. De acordo com a EPA (Enquete de População Ativa) do quarto trimestre de 2020, 936.200 cidadãos com mais de 50 anos estão desempregados na Espanha, ou seja, 25% do total de desempregados têm essa idade, o que não é nada animador. Ainda mais se pensarmos que este número duplicou nos últimos 10 anos e constitui atualmente um dos principais eixos do desemprego estrutural. Em outras palavras, é uma tendência que não parece mudar tão cedo.

Tampouco está relacionado à aposentadoria precoce. Fontes sindicais afirmam que o número de aposentados precoces na Espanha é de cerca de 600.000, com tendência a aumentar nos últimos meses em resposta à pandemia, podendo

ultrapassar 800.000 neste ano. Se somarmos alguns números e outros, vemos que, na Espanha, mais de um milhão e meio de pessoas com mais de 50 anos passam mais tempo em casa do que provavelmente gostariam e, acima tudo, do que precisam. Por isso, muitas vezes por obrigação, outras vezes por interesse pessoal e vontade, essas pessoas decidem empreender. Verbo que o imaginário coletivo costuma associar aos jovens.

Pois bem, os dados do último relatório do Global Entrepreneurship Monitor (GEM), elaborado em conjunto com o Ministério da Indústria, Comércio e Turismo da Espanha, e publicado em maio de 2020, vão contra a ideia que habitualmente temos do que é uma pessoa empreendedora. São jovens com sede de sucesso e muita cultura tecnológica. Mas também são mais velhos, querendo colocar sua experiência a serviço do próprio negócio. De fato, a atividade empreendedora das

peças entre 45 e 64 anos passou de 4,6% em 2010 para 9,9% em 2019. A Fundación a MAPFRE sabe disso e, por isso, através de seu Centro de Pesquisas Ageingnomics, quis editar um *Guia de Empreendedorismo Sênior* em colaboração com a Universidade Internacional de La Rioja, UNIR. Trata-se de uma publicação prática que se insere na linha estratégica da fundação para oferecer melhor qualidade de vida a quem tem mais de 50 anos.

Sem dúvida, dentro dessa qualidade de vida está a atividade

econômica, cada vez mais relevante dentro e fora das nossas fronteiras. Tanto é que um novo termo foi cunhado em inglês: *Silver Economy*. Essa *economia prateada* pode ter uma importância fundamental no futuro da nossa sociedade, segundo os autores do guia, Clara Lapiedra e Pablo Cardona. Para se ter uma ideia, podemos apontar um fato previsto no relatório da ONU sobre idadismo: na Austrália, 48 bilhões de dólares seriam gerados anualmente se 5% dos maiores de 54 anos tivessem um emprego.

A realidade é que o mundo do empreendedorismo não precisa ser apenas um território para os mais jovens. Os chamados sêniores têm muito a contribuir. Clara Lapiedra, consultora estratégica e especialista em inovação, deixa claro que «a experiência é algo que só se ganha ao longo dos anos. Costumo encontrar homens e mulheres empresários que ignoram questões como a sutileza na hora de comunicar certas mensagens ou saber como entender o contexto dos nossos interlocutores e outras situações. E isso não é ensinado em nenhuma escola de negócios». É algo que se aprende com o tempo e o trabalho. Com a vida. Esse não é o único fator a favor dos mais velhos. É verdade que muitas vezes se deparam com deficiências que os jovens não têm, como o domínio da tecnologia. Mas, como afirma a consultoria empresarial, «esta carência é indubitavelmente compensada por outros desafios em que os sêniores têm uma vantagem, como a sua lista de contatos. Ou seja, não é um fator limitante na hora de empreender».

A experiência também ajuda a saber avaliar se está no momento vital para iniciar uma aventura como a de empreender, o que os autores chamam de ciclo vital do empreendedor. Neste sentido, deve-se ter em conta que «o momento certo se cria, não bate um dia à sua porta. Se você tem um projeto em mente



Com uma abordagem prática, o Guia de Empreendedorismo Sênior aponta o caminho a seguir para os empreendedores com mais de 55 anos.





**A atividade empreendedora de pessoas entre 45 e 64 anos aumentou de 4,6% em 2010; para 9,9% em 2019**



e tem energia para desenvolvê-lo, esse é o momento certo», afirma Lapiedra. É verdade que esse momento às vezes chega por obrigação, como no caso dos desempregados de longa duração. Mas outros «por causa do que os americanos chamam de *to give back*; ou seja, sentindo a necessidade de devolver à sociedade parte dos conhecimentos adquiridos». Frequentemente, as duas situações ocorrem ao mesmo tempo.

Em todos os casos, esta especialista em empreendedorismo oferece o mesmo conselho fundamental: «Eu diria a todos eles que é um erro muito comum querer esperar que tudo esteja perfeito. Essa concepção prejudica muito a iniciativa empresarial, pois o

dia a dia conta. Você tem que passar por uma série de fases que devem ser iniciadas o mais rápido possível. Devemos aprender com os nossos erros e quanto mais cedo errarmos, mais cedo chegaremos à melhor solução possível».

#### **12 perguntas, 12 capítulos, 12 casos reais**

Desde o início, a ideia pensada para o guia é que fosse uma publicação prática e de fácil utilização. É por isso que Clara Lapiedra, coautora do mesmo, resolveu estruturá-lo «na ordem lógica que utilizo como consultora. Esse ponto é importante destacar porque é uma das perguntas mais frequentes que meus clientes costumam me fazer: “Acho que a ideia está clara, mas por onde eu começo?”.

Além disso, foi escrito com uma teoria muito aplicada e um estilo muito didático». Para isso, utilizou um recurso muito interessante: o testemunho de uma série de empreendedores seniores com idades entre 52 e 68 anos. Especificamente 12, número de capítulos do guia. Essa ideia surgiu da experiência de Clara como consultora: «Isso me ajuda muito a visualizar o que outras pessoas fizeram antes e tentamos usar *best practices* que pudessem ilustrar outras pessoas». Para escolhê-las, se voltou para estudos de caso que conhecia por meio de seu trabalho. «Tenho a sorte de poder ajudar centenas de pessoas, seja como *mentées* ou clientes, por isso não me foi difícil pensar em quem poderia servir de exemplo ilustrativo para cada um dos capítulos». ✖

## Visto na rede

Conheça todas nossas atividades, através das redes sociais. Nesta seção você encontra uma seleção dos melhores *posts* do Facebook, Twitter e Instagram.

### f FACEBOOK

@FundaciónMapfre  
@fundaciónmapfrecultura  
@FMobjetivocero

### 🐦 TWITTER

@fmapfre  
@mapfreFcultura  
@FMobjetivocero  
@KBrfmapfre  
@FM\_ageingnomics

### 📷 INSTAGRAM

@mapfrecultura

### MELHOR TWEET

@fmapfre

Desde a Fundación MAPFRE, queremos oferecer todo o nosso apoio, solidariedade e carinho ao povo de La Palma e desejamos que superem o mais rápido possível as consequências desta erupção vulcânica. Muita força a todos os moradores de La Palma.



### f Fundación MAPFRE

Não pare! ❌

Praticar atividade física regularmente melhorará sua saúde física e mental 💪🧠.

Não perca este vídeo em colaboração com o Conselho COLEF e mexa-se 🏃.

#FM\_Contigo #Saúde



### 🐦 Fundación MAPFRE

@FMobjetivocero

Se você usar a scooter na cidade...



Se fizer certo, está tudo bem. Usar o patinete elétrico na cidade é uma alternativa fantástica para a mobilidade pessoal.

Te contamos, junto com @ClubRACC, o que você deve fazer para desfrutar de seus deslocamentos de forma segura.

#FM\_Contigo #SemanaDaMobilidade #SEM2021 #MobilityWeek

### 📷 kbrfmapfre

Um ano após o outro. 5 vidas. Nossas vidas.

Un any darrere l'altre. 5 vides. Les nostres vides.

#FM\_Contigo #CulturaSegura  
#KBrIrmãsBrown

#Barcelona #PlanosBCN #barcelonagram  
#barcelonacity #bcn  
#barcelona\_turismo #barcelonainspira  
#catalunha #igersbarcelona  
#barcelonalovers #barcelonaexperience  
#barcelona\_world #barcelonalife  
#spain #visitbarcelona #igerscatalunha  
#torreMAPFRE #CulturaSegura



### 📷 fmapfre

La mejor manera de dar valor a tu tiempo es compartirlo.

Estamos muito orgulhosos de nossos voluntários da Fundación MAPFRE que compartilharam 1.600 horas no ano passado.

#FM\_Contigo #Solidariedade #Voluntariado



Los números son importantes, pero **las historias individuales y familiares** detrás de cada cifra **son nuestro verdadero motor.**

**4.385**

reinserciones de  
personas con  
discapacidad  
logradas desde  
2010

**502**

candidatos  
consiguieron un  
puesto de trabajo  
en 2020

**36.048**

personas se  
benefician de  
nuestros  
programas

*Juntos somos **Capaces***

Fundación **MAPFRE**

# Fundación **MAPFRE**

[www.fundacionmapfre.org](http://www.fundacionmapfre.org)

**ESP**/CONSULTA NUESTRA REVISTA ONLINE

**ENU**/CHECK OUR ONLINE MAGAZINE

**PTB**/CONFIRA NOSSA REVISTA ON-LINE

[https://www.fundacionmapfre.org/fundacion/es\\_es/  
publicaciones/revista-fundacion/](https://www.fundacionmapfre.org/fundacion/es_es/publicaciones/revista-fundacion/)

